



Universidade de Brasília

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - CDS

ALAN MIGUEL ALVES [APURINÃ]

**MALOCA DAS MEDICINAS E SUA RELAÇÃO COM O
PAJÉ ARYWKA**

DISTRITO FEDERAL (BRASÍLIA)

2018



Universidade de Brasília

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - CDS

ALAN MIGUEL ALVES [APURINÃ]

**MALOCA DAS MEDICINAS E SUA RELAÇÃO COM O
PAJÉ ARYWKA**

Aprovado dia 02 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Silvia Maria Ferreira Guimarães (Presidente)

Universidade de Brasília

Prof. Dr^a Juliana Rochet With Caibub Paulino

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Jacó Cesar Piccoli

Universidade Federal do Acre

Franklin Paulo Eduardo da Silva – Baniwa (Convidado Indígena)

Universidade de Brasília

DISTRITO FEDERAL (BRASÍLIA)

2018



Universidade de Brasília

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - CDS

ALAN MIGUEL ALVES [APURINÃ]

**MALOCA DAS MEDICINAS E SUA RELAÇÃO COM O
PAJÉ ARYWKA**

Dissertação apresentada na etapa de defesa para a conclusão do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto à povos e terras tradicionais (MESPT) vinculado ao Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Silvia Guimarães

DISTRITO FEDERAL (BRASÍLIA)

2018



Universidade de Brasília

Dedico esta dissertação ao Pajé Arywka e aos demais diplomatas do cosmo das medicinas Apurinã e aos outros povos nativos, e a todos aqueles que desejam compreender o universo das plantas medicinais a partir da nação Apurinã.



Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Tsurá (criador do mundo) por ser um dos meus guias espirituais e ter me ajudado todos os dias de minha vida e claro pela minha existência neste mundo.

Agradeço ao *pajé Arywka* que já não está mais neste mundo em que vivemos, mas deixou um legado expirador, que me ajudou muito na construção deste estudo, será sempre um verdadeiro diplomata do cosmo das medicinas Apurinã, agradeço tudo que sei a ele.

Não posso passar por aqui e não agradecer ao primeiro doutor Apurinã em Antropologia Social, Francisco Apurinã, mais conhecido pelo seu nome tradicional *Ywmonyri*. Ele foi como um pai para mim durante minha travessia para uma das universidades mais conceituadas da América latina, UnB, um verdadeiro guerreiro que me fortaleceu muito.

Agradeço a todos da nação Apurinã, principalmente os do meu território, que me ajudaram muito durante o estudo, não chamo isso de trabalho, mas sim de um privilégio que tive, está presente com todos de uma forma direta e indireta, um momento ímpar e muito prazeroso, pelo fato de estarmos protagonizando nossa própria realidade.

Agradeço muito a minha mãe Cleonice Apurinã, mais conhecida tradicionalmente como *Kuranakay*, por ter me ajudado nos momentos que mais precisei e por ter acreditado no meu destino.

Não posso deixar de agradecer meu Pai José Alves, que me ajudou muito na minha construção como um homem de fibra, pois é um exemplo de um grande guerreiro para mim.

Agradeço muito a minha própria família que construí, a minha esposa Juli Tupinambá e o nosso filho *Xainã* Apurinã e Tupinambá, os quais foram umas das principais fontes de energias que mais me inspiraram para uma produção desse estudo lindo.

Agradeço muito ao MESPT, desde os idealizadores até os professores, por lutarem por uma universidade mais real, apostando no protagonismo dos povos indígenas e tradicionais, alcançando até os mais isolados, acreditando assim que nossos povos possuem suas próprias epistemologias e riquezas e que devem ser respeitados também no mundo acadêmico.

Agradeço a duas professoras em especial, que tive próximo, Silvia Guimarães e Carolina Lopes, aprendi muito com essas duas guerreiras, e senti de perto o amor delas pela luta de manter o programa MESPT ativo, onde vi lágrimas de amor pela causa.



Universidade de Brasília

“Toda vez em que entro na maloca das medicinas e quando caminho entre as plantas que lá estão eu as amamento com minhas rezas, cantos e danças, e ao mesmo tempo ouço elas me chamando de meu pai”.

(Pajé Arywka Apurinã, 2013)



Universidade de Brasília

RESUMO

Alan Miguel Alves Apurinã¹
Silvia Maria Ferreira Guimarães²

Este estudo foi idealizado na fonte da nação Apurinã, e esculpido por um guerreiro da mesma etnia, buscando reconstituir a biografia de um dos grandes diplomatas do cosmo, das plantas medicinais da nação Apurinã, pajé *Arywka*, e compreender a partir da biografia dele à importância da maloca das medicinas para o povo Apurinã. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa baseada na característica do sujeito pesquisado, juntamente com a reprodução do dia a dia do pesquisador Apurinã. Neste sentido, visando melhor entendimento, é necessário conduzir o leitor para uma viagem ao mundo da Maloca das medicinas e suas dimensões que lá existe, e claro ao lado de seu grande maestro o xamã (*Kusanaty/MÿÿTY*). Onde será descrito o processo do diálogo entre dois sujeitos, o pajé *Arywka* e Maloca das medicinas, e suas dimensões, com um pensamento de garantir a proteção e valorização da cultura e do ambiente em que se vive.

Palavras-chaves: Apurinã; maloca das medicinas; pajé; plantas medicinais; cultura indígena; relação espiritual.

¹ Indígena do povo Apurinã, formado em Administração pela Universidade Norte do Paraná no Acre, é colaborador eventual e Coordenador de base da Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi de Boca do Acre, Sul do Amazonas (OPIAJBAM).

² Doutora em Antropologia, Docente do Departamento de Antropologia, do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto à povos e terras tradicionais (MESPT/CDS) da Universidade de Brasília e Orientadora da presente pesquisa.



Universidade de Brasília

ABSTRACT

Alan Miguel Alves Apurinã³
Silvia Maria Ferreira Guimarães⁴

The present study was idealized in the cradle of the Apurinã nation, and sculpted by a warrior of the same ethnicity. The purpose of this search is to reconstitute the biography of pajé Arywka, one of the greatest diplomats of the cosmos and of all medicinal plants in the Apurinã nation. His biography stands as a starting point to comprehend the relevance of the house (maloca) of medicines to the Apurinã people.

In order to do so, a research was developed based on the characteristics of the researched subject, along with the reproduction of the way of life of the Apurinã researcher. This way, and aiming at the reader's better understanding, it is necessary to conduce the reader into a journey to the world of the Maloca of medicines and its multiple dimensions, along with its great master the shaman (Kusanaty/MỸỸTY). The dialogue between these two entities – the pajé Arywka and the Maloca of medicines – will be described, based on the perspective of the need to protect and value the culture and the environment where one lives.

Key words: Apurinã; Maloca of medicines; pajé; medicinal plants; indigenous culture; spiritual relation

³ Indígena do povo Apurinã, formado em Administração pela Universidade Norte do Paraná no Acre, é colaborador eventual e Coordenador de base da Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi de Boca do Acre, Sul do Amazonas (OPIAJBAM).

⁴ Doutora em Antropologia, Docente do Departamento de Antropologia, do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto à povos e terras tradicionais (MESPT/CDS) da Universidade de Brasília e Orientadora da presente pesquisa.



Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. PUPŶKARE EWRYKY: A TRAVESSIA DA ESTRELA	10
2. DIVERSIDADE DE SABERES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O TRADICIONAL E O CIENTÍFICO.....	19
2.1 <i>Kutary mosa: um paneiro de conhecimentos</i>	20
3. PERCURSO METODOLÓGICO	26
4. A IMPORTÂNCIA DESTE TRABALHO PARA O POVO APURINÃ	28
5. KĀGUYTY PUPŶKARE: A NAÇÃO APURINÃ.....	29
5.1 A Terra Indígena Apurinã do Km 124, BR 317	33
5.2 <i>Kamapa: a mulher das raízes</i>	35
6. OS KUSANATY APURINÃ	40
6.1 Imagens de alguns instrumentos de cura dos <i>Kusanaty</i> Apurinã	44
6.2 Cerimônia do <i>Xigané</i>	45
6.3 Enfermidade, cura e confrontos entre os <i>Kusanaty</i>	49
7. PAJÉ ARYWKA: PELAS TRILHAS DO CONHECIMENTO DE UM MŶŶTY	50
8. MALOCA DAS MEDICINAS	56
8.1 Mergulhando na Maloca das Medicinas	60
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSÍVEIS FATORES DE ENFRAQUECIMENTO DA MALOCA DAS MEDICINAS E ESTRATÉGIAS DE FORTALECIMENTO.....	64
10. REFERÊNCIAS	69



1. *PUPŶKARE*⁵ *EWRYKY*: A TRAVESSIA DA ESTRELA

Para iniciar este trabalho parto do relato autobiográfico, por pensar essa narrativa como uma potência, uma resistência, um ato político que acontece sempre quando um indígena adentra espaços que lhe foram negados. Explicar como um Apurinã passou pela Universidade de Brasília é o ponto de partida nessa caminhada que constitui este trabalho.

Ewryky é meu nome verdadeiro, significa chefe das estrelas. Nasci no dia 17 de novembro de 1992, no município de Rio Branco – AC, onde fui registrado pelo nome de Alan Miguel Alves. Sou fruto de uma relação entre dois povos indígenas, tendo como mãe Clemilda Miguel Apurinã (*Makany*) e pai Osaí Sales Kaxinawá (*Siã*), aos quais sou muito grato pela minha existência e pelos ensinamentos que eles me deram, desde o instante que vim ao mundo.

Durante minha trajetória estive mais perto dos ensinamentos do povo Apurinã e para minha sorte tive como professor o meu tio, o saudoso pajé Leôncio, tradicionalmente conhecido como *Arywka*, como preferia ser chamado. Fui levado por ele a conhecer o universo Apurinã no qual pertencente ao povo de minha mãe, momento em que fui batizado de acordo com os preceitos da nossa tradição cultural. Denomino de universo todo o conhecimento de um povo, desde o conhecimento sobre o menor bichinho ou planta da floresta até o conhecimento dos astros, engloba todas as ciências, práticas e conhecimentos de um povo. A partir daquele momento sagrado reunia o mundo de todos os seres, o mundo visível e invisível e me fazia entrar no que havia de mais especial na formação de uma pessoa, pois envolvia afetos e sentimentos ancestrais, naquilo que nos trouxe a vida, eu estava pronto a caminhar, mas meus velhos já sabiam que não iria ser tão fácil assim. Com quatro anos de idade, eu já me sentava à mesa juntamente com as “bibliotecas vivas” os *Kywmanety* (mais velhos e conhecedores do nosso saber ancestral), momento em que eles me ensinavam a viver em harmonia com a natureza de maneira responsável por ela, cuidando de quem cuida de nós, onde é precisar cuidar das plantas pois são elas que nos fornece diversos tipos de cura, pensando na coletividade e no bem desta e das futuras gerações.

Aos seis anos de idade, por meio de uma decisão interna protagonizada pelo meu tio *Arywka* e demais moradores da nossa aldeia *Kamapa*, fui para a cidade de Rio Branco (AC),

⁵ *Pupŷkare*: É o verdadeiro nome da nação Apurinã. É por esse nome que se autodenominam, já os não-indígenas recebem o nome de *Kariú*, dentro do idioma Apurinã.



com intuito de estudar, conhecer e aprender o mundo da escrita e da leitura. Passei a morar na casa da minha tia, Cleonice Miguel Apurinã Alves (*Kuranakaya*) e José Alves do Carmo, os quais são meus pais adotivos. Apesar da decisão sobre a minha saída da aldeia, os meus velhos tinham a consciência das inúmeras coisas sagradas que eu iria perder durante minha ausência no meu território originário, em outras palavras do meu berço, mas tinha que ser dessa forma para poder aumentar o nível de novos conhecimentos dentro do nosso povo, para assim poder lutar por direitos e trazer melhorias para o povo Apurinã. É bom salientar que eu não fui o único a sair da aldeia para adquirir novos conhecimentos, o que mostra que a educação formal não-indígena tem sido uma estratégia necessária de resistência adotada pelo nosso povo. Posso afirmar que este distanciamento me fez ficar forte, pois pude transitar nos dois saberes tradicionais e científicos, isso não me fez frágil no meu campo espiritual e nem físico, mas facilitou a mi interagir não apenas de maneira de igual aos outros, porém um pouco mais por que a partir dali já bebia das duas fontes de conhecimentos, mi fez um guerreiro muito resistente.

Minha tia *Kuranakaya* me ajudou a conhecer o universo das letras, uma vez que ela é pedagoga, isso de fato facilitou minha vida ao ponto de já saber ler e escrever antes mesmo de ingressar na escola de ensino fundamental, pois ela sempre falava que a vida fora de casa era muito difícil e tinha que superar limites, tanto é que limite foi a primeira palavra que eu aprendi com ela e que serviu como elemento norteador na minha trajetória pessoal e profissional. Em 1999, ingressei na escola Maria Angélica de Castro (no ensino fundamental), onde fiquei quatro anos, período em que vivi momentos importantes e de muita superação, sobretudo, pelo fato de ser indígena.

Sabemos que em mundo fora de nossas crenças, costumes, realidades e educação, que vivemos fora de nossos território é muito difícil não sofrer racismo, intolerância, passei por episódios muitos difíceis da vida escolar e talvez até cruel em alguns momentos, pelo fato de ser índio, e pelo fato de ter cabelos longos e liso, muita das vezes eu era odiado por isto também, mas o que me chamou mais atenção até os dias de hoje foi quando uma de minhas professoras viu vários meninos me chamando de índio jogando papel em mim e não disse nada, mas ela riu muito de mim, achei muito preocupante quando me vi naquela situação, pois sabia que eu não tinha proteção alguma naquele momento apesar de ela ser uma autoridade em sala de aula, assim como sempre tive proteção ao lado dos meus mestres na floresta.



Universidade de Brasília

Aqui não quero estimular nem um discurso de ódio contra os mestres ocidentais, mas é necessário registrar esses episódios de inflexibilidade contra minorias étnicas ou qualquer cor ou raça que for, mas no fundo do meu coração senti vontade em matá-la, um desejo profundo, mas tirei rapidamente da minha mente, pois se eu fizesse isso estaria me igualando a ela. Diversos outros episódios ocorreram nesse período e posso afirmar que superamos. Encontrei outros mestres não-indígenas envolvidos com a causa indígena. Mas o importante era seguir e cumprir a meta estabelecida pelo meu povo. Resistência, superar limites são palavras que nos movem, que movem qualquer indígena, na nossa vida, temos que aprender a trilhar esse caminho que é de luta.

Os anos iam se passando e minha mente foi se abrindo e se fortalecendo, momento em que busquei incessantemente conhecimento para dialogar com o mesmo nível de entendimento com os não-indígenas. Em 2004, passei a estudar na escola Paulo Freire, nesta unidade de ensino, aproveitei melhor as disciplinas, isso permitiu maior interesse, inclusive eu era requisitado para resolver pequenas questões formuladas e chegar a um número exato, e de analisar autores a respeito do histórico das sociedades indígenas, como um todo; de aprender novas crenças e suas ideologias, fazendo sempre com bastante respeito, mas sem perder a minha essência cultural, dos nossos costumes e tradições.

Aquele novo contexto, possibilitou nascer em mim um ponto crítico, principalmente no que envolve a invasão do Brasil. Eu formulava redações enormes e depois resumia em pequenas frases. Em 2006 tive que sair desta escola em virtude da incompatibilidade ocasionada pela distância entre minha casa e a escola. Contudo, juntamente com minha família, passamos a residir em outro bairro da cidade. Já no segundo semestre migrei para o colégio Acreano, um dos mais conceituados do estado do Acre.

Recebi maiores reforços na área acadêmica e também na área de conscientização humana, mas essa última era trabalhada da seguinte forma: teatro, música, versos, poesia, melodia dentre outras atividades. Isso acontecia num amplo auditório do já mencionado colégio.

Durante esse período eu apresentei uma peça teatral baseada no diálogo dos saberes tradicionais e modernos, denominada de “aliança”. No entanto, meu foco principal sempre foi de mostrar para as pessoas a conexão entre os saberes tradicionais e os saberes contemporâneos, permitindo maior sustentabilidade desses aspectos, vislumbrando com isso, um modo de vida mais promissor e com suas diferenças. Em 2008, iniciei o ensino médio



Universidade de Brasília

(antigo segundo grau), na escola José Rodrigues Leite também na capital Acreana; já em 2010, fiquei muito feliz, pois alguns passos me separavam da porta de mais um dos meus objetivos, que era o de fazer uma faculdade e assim, ajudar meu povo.

Em 2011, ingressei na universidade Norte do Paraná (UNOPAR), período em que dei meus primeiros passos no curso de bacharelado em administração. No primeiro semestre, os conteúdos destinavam-se a parte teórica do curso, o qual uma das disciplinas era ministrada por um excelente professor de nome Carlos Eduardo. Eu por outro lado, tentava absorver exemplos da administração com base na fauna e flora, bem como seus ciclos organizacionais, educação que recebi desde os primeiros anos de vida, tido como princípios culturais.

Depois de dois anos de curso, fui indicado pela coordenadora da Fundação de Cultura Elias Mansuor (FEM), Patrícia Coelho Lopes para estagiar no período de dois anos na Biblioteca da Floresta a mesma que antes era chamada de Biblioteca Marina Silva, mas que por questões de memorial acabou recebendo o primeiro nome, tornando-se um patrimônio público. Essa biblioteca tinha e tem como missão promover o diálogo entre saberes tradicionais e os modernos, com vista ao desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade dos recursos naturais do estado em uma lógica dos não-indígenas que buscavam fazer um enfrentamento ao modo de produção capitalista que criaram. Eu já tinha feito alguns trabalhos de curto prazo, na área de logística e estoque, mas a referida fundação percebeu que eu tinha maior afinidade com a área de atendimento ao público, fato percebido pela coordenadora Patrícia Coelho, que, além disso, observou em mim um potencial que deveria ser empreendido: meus conhecimentos aprendidos com meu povo. Aqui as pessoas me olhavam e começavam a me perguntar sobre minhas origens, costumes e tradições, e de repente se formava ali uma roda de pessoas para me ouvir, e na oportunidade, me faziam inúmeras perguntas do tipo: como vivíamos? Como era ser índio e viver na cidade? E dali por diante. Sempre respondi com carinho e a maioria ouvia atentamente, possibilitando uma interatividade construtiva e uma aprendizagem recíproca.

Aqui passei a colocar em prática um pouco do que eu havia aprendido da área de administração, mas ao mesmo tempo eu também implantava meu conhecimento tradicional, somando os dois, pude fazer um bom trabalho. Minha metodologia era baseada de acordo com o surgimento das demandas: atendimento ao público, quando apresentava e guiava nas exposições que a instituição oferecia para a sociedade acreana, participava do planejamento de novas exposições, e dava opiniões sobre o que apresentar ao público. Isso possibilitava



conscientizar os visitantes sobre os valores da diversidade cultural face à modernidade e seus afluentes.

Durante esses anos em que prestei serviço para a biblioteca da floresta como estagiário, meu trabalho foi sempre focado no desenvolvimento sustentável das atividades executadas por ela. Vale ressaltar que essa instituição pública me proporcionou relevantes conhecimentos que dentre outros, permitiu desenvolver trabalhos qualitativos e quantitativos, além de um aperfeiçoamento não apenas na área administrativa, mas também na área de desenvolvimento sustentável, e principalmente interagir nas vertentes dos conhecimentos dos meus ancestrais, mas também do universo científico, onde pude observar que esse era um dos caminhos que eu precisava dar continuidade.

Dois anos depois, concluí meu estágio, saí de lá na certeza do dever cumprido, mas antes disso, tive a honra de conhecer pessoas altamente conceituadas e capacitadas, que inclusive são verdadeiros defensores da preservação do meio ambiente, tais como: Marina Silva, Marcos Afonso Pontes, Cloude Correia, Luciene Phol, Francisco Pinhanta. Além desses, também tive o privilégio de conhecer e de aprender com os indigenistas: Marcelo Piedrafita, Txay Terry, Txay Macedo, dentre outras que também tiveram sua contribuição para o meu conhecimento e crescimento profissional.

A educação aprendida com meu povo e os conhecimentos adquiridos na academia, somando com minha experiência profissional ajudou-me a obter novos conhecimentos, abrindo novos caminhos e horizontes, momento em que passei a desenvolver meus trabalhos com mais eficácia e contundência. Ao longo dessa caminhada fui me aproximando do meu objetivo maior que sempre foi fortalecer o nosso povo indígena e posteriormente o território em que vivemos. As responsabilidades que assumi fora da minha aldeia foram para contribuir para o fortalecimento sustentável dos espaços sagrados.

Desenvolvimento sustentável para os Apurinãs do meu território é não deixar morrer quem te faz viver, é um ciclo de duas vidas que lutam para viver, e essas vidas dependem uma das outras para viver hoje, Apurinã e a natureza. O desenvolvimento sustentável na minha ótica é o fruto de desenvolvimento capitalista e não do nosso sistema de vida Apurinã, pois antes, nos tempos antigos, não fazíamos desenvolvimento sustentável, não era preciso, já que não tínhamos e não temos produção em larga escala para fins comerciais, como os grandes produtores que operam no sistema capitalista.



A lógica de vida Apurinã é diferente, não se baseia no lucro, e sim na proteção daquilo que nos faz viver, a natureza. O homem e a natureza devem se sustentar mutuamente, o que se aproxima em termos conceituais da sustentabilidade. Antes tínhamos que apenas sustentar e manter tudo que havia no nosso território, hoje é necessário mais do que isso: reverter os danos causados pelo sistema capitalista para diminuir os impactos para as futuras gerações, através do desenvolvimento sustentável. Um exemplo é a exploração de madeira que está acontecendo por parte das madeireiras no meu território, onde na maior parte das árvores derrubadas estão as castanheiras, nesse caso é utilizado o desenvolvimento sustentável, pois promove o replantio.

Neste campo de luta pela preservação de nosso espaço sagrado o pajé e cacique *Arywka*, foi de grande importância preservando, não só a maloca das medicinas, mas sim todo território Apurinã. Em janeiro de 2014, a minha terra indígena recebe a notícia que o cacique e pajé da minha aldeia havia falecido, o sábio pajé *Arywka*, um grande choque para todos nós do território. No entanto, para nós Apurinã, os pajés não morrem, eles se transformam e se encantam em grandes protetores espirituais. Dias antes dessa notícia, eu visitei *Arywka* em sua casa e entrei no quarto onde ele estava e entrando ele me pergunta: “Como está a maloca, a farmácia viva? E os parentes?”. Eu o respondi e disse: “Está tudo bem com a maloca e com os parentes”, depois disso ele olhou para mim e disse: “Você vai ser o responsável daqui por diante pela nossa Maloca, e seu nome será a partir de hoje *Ewryky* (chefe das estrelas) ”.

E continuou: “Você vai se ver em todas as manhãs, a maior estrela que está acima do sol, você vai conseguir ver antes que o sol nasça completamente e nos finais da tarde também, já, nesta hora, você vai conseguir ver no momento em que ela estiver próxima a terra, assim como um pôr do sol, mas no seu caso será à chefe das estrelas, você *Ewryky*”. Eu recebi a solicitação com maior prazer e satisfação de ser indicado a ser um dos guardiões deste local sagrado, a farmácia viva ou simplesmente maloca das medicinas.

No mesmo ano, fui indicado pela aldeia *Kamapa* para ser um dos pesquisadores indígenas, durante os estudos do Plano Básico Ambiental Indígena (PBAI) do Componente Indígena da BR-317. Ajudei na elaboração de um diagnóstico juntamente com os consultores da empresa responsável pelos estudos. Dessa forma, adicionei mais conhecimento e ainda contribuí com a minha aldeia durante efetivação de outras atividades.

Em agosto de 2015, também indicado pela aldeia *Kamapa* (TI Apurinã do Km 124), a participar da oficina regional sobre “Regulamentação da Lei 13.123/2015”, que tratou



Universidade de Brasília

especificamente da pauta relacionada ao acesso ao patrimônio genético, sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Ademais, foram falados sobre os povos e comunidade tradicionais, povos indígenas e agricultores familiares, por estes serem os verdadeiros detentores de conhecimentos tradicionais e parte integrante do patrimônio genético brasileiro.

Em 2015, fui indicado pela minha aldeia *Kamapa* para participar do fórum sobre “Iniciativas, diálogo, empresa e povos indígenas”, ocorrido nos dias 30 e 31 de maio, realizado na cidade de Manaus-AM, tendo como subtema a terceira oficina indígena para discussão do documento intitulado de Diretrizes Brasileiras de Boas Práticas Corporativas com Povos Indígenas. Estive presente como uma liderança da minha aldeia na perspectiva de adquirir novos conhecimentos para serem adicionados aqueles já existentes. A discussão aborda dentre outros assuntos, socializar, capacitar e amadurecer o debate interno sobre o movimento indígena e suas peculiaridades face ao agronegócio.

Ainda em de 2015, fui indicado por lideranças da terra indígena para constituir um grupo de oito delegados Apurinã da região do Sul Amazonas (município de Boca do Acre - AM), tendo como propósito participar e discutir na Conferência Nacional da Política Indigenista (CNPI), juntamente com representantes de outros povos, realizadas no âmbito local, regional (Rio Branco, no Acre) e nacional (em Brasília), objetivando principalmente a garantia dos direitos indígenas por meio das propostas apresentadas por cada região.

Atualmente, faço parte da Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi de Boca do Acre – AM (OPIAJBAM), desenvolvendo atividades de empoderamento e visitas nas terras indígenas de sua jurisdição como colaborador eventual. Com isso, pretendendo contribuir para o crescimento e sustentabilidade das ações desenvolvidas pela referida organização.

Todavia, para consolidar minha vida profissional no mundo de inovação e de obtenção de novos conhecimentos, ainda falta realizar um dos meus maiores sonhos: fazer uma Pós-Graduação na área da sustentabilidade e me tornar um ambientalista ativo. Esse caminho teve início quando recebi a informação do meu parente Francisco Apurinã, um dos maiores líderes do nosso povo Apurinã, sobre o edital desse mestrado, confesso ter ficado muito feliz e naquele momento, muitas coisas passaram na minha cabeça. A partir daí, passei a fazer de tudo que está a meu alcance para ser um dos indígenas selecionados, por acreditar que possuo capacidade e responsabilidade suficiente para me tornar um mestrando.



Universidade de Brasília

Acabei tornando meu sonho realidade mais uma vez, no mês de julho de 2016. Passei no mestrado que eu tanto desejei, entrando na terceira turma do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a povos e terras tradicionais – MESPT. Entro neste universo numa manhã de segunda feira, às 9h com uma aula inaugural, e no dia posterior, na terça feira, a turma inicia suas atividades na disciplina de Interculturalidade e Intercientificidade com a professora Ana Tereza, no primeiro módulo do curso, que foi e será uma eterna lembrança de conhecimentos importantíssimos, além da professora administrar a aula super bem.

Na terceira semana do curso, tive a disciplina de Étnico –racial na formação da sociedade brasileira. Essa disciplina me chamou muito atenção por trazer um debate riquíssimo, onde duas professoras, Joelma Rodrigues e Glória Moura, ministraram oferecendo grande conhecimento para nós. Lembro-me como se fosse ontem, a Glória perguntando logo que entrou na sala “Quem é Brasileiro aqui? ”. E todos que estavam na classe levantaram a mão, menos eu, meu grande amigo e parente (indígena) Flávio *Wanano* que estava ao meu lado esquerdo com a mão erguida para cima, olhou para mim deu um sorriso e disse: “Você é Peruano Alan? ”. Sorri para ele e depois disso todos ficaram olhando para mim, e em seguida a professora Glória dirigiu seu olhar para mim e disse: “Por que você não é brasileiro? ”. E eu a respondi: “Porque eu já pertencço à nação Apurinã”. E todos ficaram rindo, depois que pararam de rir eu expliquei: “Eu tenho minha língua, crença, cultura, costumes, dança, cantorias e pajelanças e o principal de tudo meu povo minha nação, por que eu seria um brasileiro? Mas me considero brasileiro também só porque meu país está dentro de um chamado Brasil, uma consequência de uma invasão e desrespeito aos verdadeiros originários desta terra que hoje é chamado de Brasil”.

Fui questionado e recebi estes questionamentos com grande sabedoria e compreensão como uma forma de crescimento intelectual. Na verdade, vivemos em uma nova era, e que para muitos acabam esquecendo ou evitam falar sobre as grandes nações que aqui passaram, e que algumas sobreviveram ao forte massacre e que aqui estão presentes também, como a minha nação Apurinã, assim pensei no momento. Mas, também enxergo que se não fosse o diálogo social com as diversidades étnico-racial, somado ao apoio dos intelectuais responsáveis pela construção deste curso, certamente eu não estaria aqui possibilitando este diálogo com saber ancestral, tradicional e moderno ocidental, que me faz tanto crescer.

Essa disciplina levantou várias questões para mim, especialmente por ver representantes de outros povos debatendo sobre esse tema. Assim, entendi melhor sobre as



Universidade de Brasília

diferenças entre raças, etnias, onde pude ouvir e conhecer melhor as comunidades tradicionais de locais que nunca imaginaria que existiam, como os Geraizeiros e Retireiros do Araguaia, além dos povos quilombolas, momentos inesquecíveis que percorri pelos caminhos que o MESPT me guiava. A violência de uma colonização que tentou subjugar vários povos e a resistência desses povos em se manter e se abrir ao diálogo não devem ser esquecidos e devemos trazer para a discussão esse contexto que faz parte da nossa história. Acredito que não devemos nos esquecer dos significados de se ter hoje um país denominado Brasil, dos processos que constituíram esse país. E hoje sigo como um mestrando em umas das grandes universidades conceituadas da América Latina, no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), na Universidade de Brasília (UnB).

Vale ressaltar e registrar aqui, algo que nunca falei em lugar algum no campo físico. Sempre tive dificuldades de falar corretamente o português, algo que mora em mim há muito tempo, pois meus pensamentos foram construídos primeiramente na minha língua materna Apurinã, pertencente ao tronco linguístico Aruak. Então, sempre que vou pronunciar algo na língua portuguesa, sempre vem antes na minha mente a pronúncia a palavra na língua Apurinã.

Com isso, minha oratória sempre recebia pausas, sendo um problema em alguns momentos, mas resultado de uma adaptação de uma língua estranha, uma segunda língua, que passei ao longo da minha jornada, mas que foi diferente aqui no MESPT. Porém, tudo isso foi necessário adquirir para que eu fosse protagonista de minhas próprias histórias e realidade, principalmente da forma que meu povo deseja. Até esse momento de escrita, apresentei uma pequena rama da minha história, que pretendo falar mais no decorrer deste trabalho relacionado ao tema central que irei discutir aqui.

Este trabalho é uma homenagem a obra do grande pajé *Arywka*, meu tio, que deu o meu nome e me indicou como um dos guardiões da maloca das medicinas. A maloca das medicinas é uma floresta onde estão concentradas várias plantas medicinais, águas, vento, terra, onde *Arywka* ia para se relacionar com as plantas e cuidar da nossa comunidade. Neste local, estão seres que *Arywka* interagia, conversava, pautava, o que fazia dele um grande pajé. Este trabalho pretende reconstituir a biografia do velho pajé *Arywka* e compreender a importância da maloca das medicinas para o povo Apurinã.



2. Diversidade de saberes: uma breve reflexão sobre o tradicional e científico?

Para falar do conhecimento criado pelo pajé Arywka na maloca das medicinas é necessário discutir as formas de conhecimento que nós, indígenas, passamos a refletir quando estamos na Universidade, os conhecimentos tradicionais e os científicos. Os primeiros são produzidos nas comunidades e os últimos nas Universidades. No entanto, eles não estão totalmente separados como pode parecer, pois, após tanto tempo de contato, os produtores desses conhecimentos passaram a interagir e acabaram por trocar informações, materiais e conhecimentos. Esta seção pretende refletir sobre essas formas de conhecimento.

Ao longo do tempo, o não-indígena vem desenvolvendo seus meios de como viver aqui na terra, assim produzindo muitas tecnologias no passar do tempo e evoluindo seu conhecimento, descobrindo novas maneiras de socialização com os demais semelhantes e com o que os cerca, onde quase tudo vira objeto de pesquisa. Por sua vez, o meu povo constitui também sua história, buscando se relacionar com seu território, criando meios de viver em interação com as diversas dimensões que constitui os cosmos.

A relação dos povos indígenas na produção do seu conhecimento passa por não construir objetos, mas por estabelecer relações, respeitar sujeitos. Sabemos que existem diversos conhecimentos, mas fico pensando de onde vieram esses conhecimentos? Muitos afirmam que aconteceram acidentalmente, outros falam que foram herdados de suas divindades. Me pergunto as vezes qual diferença entre o tradicional e o científico? Uma questão muito discutida dentro das academias e que não se restringe a essa dualidade entre tradicional e moderno, mas que foi construída na academia. O que se denomina tradicional envolve uma diversidade de povos e o moderno não também se apresenta em uma diversidade. São vários povos tradicionais, indígenas, quilombolas, ribeirinhos etc. E o mundo moderno apresenta também várias direções como o do capital, o do desenvolvimento sustentável, etc.

Por que a ciência moderna (ocidental) não encontrou ainda certos antídotos para as doenças que mais destroem a sociedade e que ela mesma produziu, como a devastação ambiental, a desigualdade social, já que se considera como saber hegemônico? E por que o conhecimento tradicional tem códigos e acessos aos conhecimentos que o científico nunca



teve, que são tão cobiçados pelos próprios cientistas e principalmente pelas indústrias farmacêuticas? Qual é fronteira entre esses conhecimentos?

A distância que separa os diversos tipos de conhecimentos é grande, principalmente por não haver o reconhecimento devido da importância dos conhecimentos tradicionais, acentuando as discrepâncias entre aquele que é valorizado e o que não é. Portanto, responder a esses e outros questionamentos que cercam essa temática é complexo, exigindo reflexão crítica, já que envolve perspectivas diferentes da vida e de tudo. Assim, neste trabalho, iremos nos conectar ao mundo cósmico da medicina tradicional, viajando através das realidades do povo Apurinã, à luz do legado deixado pelo pajé *Arywka*, mas antes vamos mergulhar em um paneiro de saberes que abordará duas fontes importantes, os conhecimentos tradicionais e o científico. A maloca das medicinas é o encontro desses diversos seres, da fauna, flora, e outros elementos; poderíamos dizer que lá é como uma farmácia viva, onde encontramos vários seres que nos curam, que nos previne de adoecemos, que nos mantém com saúde. No entanto, não compramos, não retiramos nada de lá, mas interagimos. Nós cuidamos da mata e seus seres e eles cuidam de nós, como disse meu colega Rite (2017), para o seu povo A'uwê, a “floresta precisa de nós e nós precisamos da floresta”, o mesmo acontece com meu povo.

2.1 *Kutary Mosa*: um paneiro de conhecimentos

O paneiro para o meu povo e para minha região Amazônica é uma espécie de cesto feito à base de cipó no formato de uma bolsa de costas, bastante usada entre os nativos, principalmente para a coleta da castanha (Castanha do Pará), um recurso natural da região, também usada muitas vezes para colocar diversos alicerces como alimentos, armamentos, medicinas, filhos e, às vezes, algumas coisas que achamos importante durante a caminhada, bastante usada durante as trilhas, principalmente nas travessias da vida de um Apurinã.

Falar de farmácia viva ancestral ou maloca das medicinas na sociedade não-indígena é muito difícil, pois muitos não compreendem, para alguns se torna um enigma e já para outros se torna um caminho de vida sem volta. Muitos já nascem dentro da farmácia tradicional e outros lutam para adentrar neste divino universo por meio de livros e conhecimentos específicos ocidentais. Entre o povo indígena Apurinã, esta farmácia está



presente, se mantém com a presença dos pajés, das folhas, flores, ramos, galhos, sementes, animais, terra, água, ar e vento. Há uma espiritualidade que vincula todos esses elementos e aquele que a orchestra para os Apurinã é o pajé.

Esses conhecimentos e práticas que estão encapsulados na farmácia viva, sofrem com ações do conhecimento científico ocidental e suas técnicas e produtos que se fazem cada vez mais presentes no cotidiano dos povos indígenas. O conhecimento ocidentalizado diz e se coloca como hegemônico, desqualificando outros conhecimentos e práticas, pois a principal importância para este espaço da hegemonia é a matéria, a física, a prova a olho nu. Sendo assim a força do mundo invisível, os sentidos, as sensações, emoções e afetos que dominam e legitimam conhecimentos e práticas tradicionais não são considerados por este saber hegemônico.

Para a maloca das medicinas é diferente, pois seu conhecimento é imensurável e multidimensional, principalmente quando abordamos uma farmácia especificamente de um determinado povo, no caso da etnia Apurinã, que se autodenomina como *Pupÿkary*. A farmácia viva entre os Apurinã contempla fatores cruciais como a relação do homem com a natureza sobre duas dimensões, espiritual, física e racional.

Estabelecer uma multi-conversa entre os vários conhecimentos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais, somando com o ocidentalizado seria ótimo, principalmente considerando o contexto em que vivemos hoje, quando nas trocas e nas redes de solidariedade, o coletivo se fortalece, se cuidam melhor. Porém, o conhecimento científico ocidental não é tão confiável para as sociedades tradicionais, seria um bem maravilhoso para a sociedade humana essa interface em uma aliança, mas devido aos interesses econômicos, o individualismo, os nossos conhecimentos ancestrais e tradicionais seriam e são usurpados, patenteados pela casa dominante, grandes empresários, indústria farmacêutica. Isso seria de muita revolta e tristeza para os grandes sabedores e conhecedores deste conhecimento ontológico.

A maloca das medicinas e outros conhecimentos e práticas merecem respeito, às plantas não devem ser trabalhadas de qualquer jeito, tem de saber o que é e como fazer. Não se trata simplesmente de pegar uma planta e fazer um medicamento daquilo, pois as plantas têm o poder de curar e matar também as pessoas, elas também têm vida e sentem dor. A antropóloga Carneiro da Cunha (2007) acaba por valorizar meu argumento sobre essas diferenças entre os conhecimentos tradicionais e os científicos, quando afirma: “de minha



Universidade de Brasília

parte, eu também acho que conhecimento científico e conhecimento tradicional são incomensuráveis, mas que essa incomensurabilidade não reside primordialmente em seus respectivos resultados”.

Percebo que existem diversas incompatibilidades entre os dois conhecimentos, os tradicionais e científico, porque há um universo para cada um dos saberes, métodos, técnicas, estratégias, modos de produzir e utilizar suas ciências, uma das principais diferenças dos conhecimentos tradicionais está na lógica de multiplicar, compartilhar e sustentar suas raízes e já o conhecimento específico ocidental está mais voltado a lógica de lucro movido pelos interesses econômicos capitalistas.

O antropólogo Lévi-Strauss também enfatizou que os conhecimentos indígenas são outro tipo de ciência, assim, ele afirma que “sem nunca negar o sucesso da ciência ocidental, sugere que esse outro tipo de ciência, a tradicional, seja capaz de perceber e de como antecipar a descoberta da *ciência tout court*” (LÉVI-STRAUSS, 1962).

Esse autor em suas escritas revela um pouco da grandeza do saber tradicional, que reforça o meu entendimento de que o conhecimento científico ocidental não consegue acompanhar este saber ontológico ancestral, gerado milenarmente pelos povos indígenas e outros povos tradicionais. Carneiro da Cunha (2007) denuncia a postura de alguns farmacólogos que não reconhecem a contribuição da medicina tradicional para o “progresso de sua ciência”, que acontece em meio a processo de usurpação e silenciamento dos povos tradicionais, exemplificando alguns casos como coloco a seguir:

Como o sangue de drago (*croton lechleri*), usado por índios amazônicos no Peru como cicatrizantes, um alcalóide, *taspinga*, precisamente com esse efeito; várias plantas medicinais usadas como antidiarreicos na medicina tradicional brasileira tem efeito no combate aos rotavírus que causam diarreia e são um dos maiores causadores da mortalidade infantil; O barbatimão realmente contém moléculas com efeitos cicatrizantes, etc. Portanto, dizem esses farmacólogos refratários aos conhecimentos tradicionais, mesmo que os conhecimentos tradicionais tenham mostrados a existência de princípios ativos, eles raramente são úteis para os mesmo fim para que tradicionalmente foram usados. A atividade tradicional não é a que acaba sendo a “verdadeira” ou a mais importante (CUNHA, 2007. P.80).

Para meu universo, a medicina ocidental utiliza os conhecimentos tradicionais como grandes alicerces para o que chamam de descobertas, que para os povos ancestrais não é mais novidade, é apenas uma rama da sua estrutura de conhecimento, que é marcada pelo compartilhamento entre diversos seres. Na maioria das vezes, o conhecimento ocidental envolve a fauna e a flora em suas experiências, por outro lado, por exemplo, o conhecimento



Universidade de Brasília

Apurinã, envolve fauna, a flora, a terra, o ar, a água, a espiritualidade, na minha lógica de pensamento e na minha vivência.

A posição de uma etnofarmacóloga, Elaine Elizabtsky, chama atenção para essa linha de pensamento.

[...] não se trata aqui, como muitos cientistas condescendentemente pensam, de simples validação de resultados tradicionais, pela ciência contemporânea, mas do reconhecimento de que os paradigmas e práticas de ciências tradicionais são fontes potenciais de inovação da nossa ciência (ELIZABTSKY, 2004 *apud* CUNHA, 2007. P.81).

Esse tipo de atividade citada na fala de Cunha (2007) está mais do que ativa no universo da ciência como um todo. Os farmacólogos só não assumem esse conhecimento tradicional como uma fonte de conhecimento para não mostrarem aparência de dependência aos conhecimentos ancestrais e tradicionais, muito menos de quebrar o paradigma de que a ciência ocidental é absoluta, autossuficiente e verdadeira. Não adianta questionar e nem comparar o conhecimento ancestral com o ocidental, pois o conhecimento ancestral foi o que serviu como núcleo central dos diversos conhecimentos da ciência ocidental e para o seu próprio progresso. Há uma relação de poder construída que tenta subalternizar os conhecimentos tradicionais e que tenta estrategicamente silenciá-los e matá-los, mas que, na verdade, há uma relação de dependência profunda desses conhecimentos.

A ciência ocidental se efetiva sempre procurando e investigando com seus pesquisadores em territórios tradicionais e ancestrais, em busca de novos conhecimentos e modos de usar os recursos naturais a partir dos sábios indígenas, assim, de uma maneira fácil, eles usurpam esses conhecimentos. Esses conhecimentos ancestrais sobre a floresta foram trabalhados ao longo das histórias dos povos indígenas e é uma violência ver esses conhecimentos tradicionais serem “engolidos” por uma lógica econômica.

Percebo que os autores abordados até aqui (LÉVI-STRAUSS, 1962; CUNHA, 2007; ELISABETSKAY, 2004) convergem no pensamento de que os conhecimentos tradicionais são cruciais na floração de outros tipos de conhecimentos, inclusive o ocidental. Como se trata de um assunto muito complexo e timidamente explorado esse debate não se esgota aqui. Precisamos deixar claro é que os saberes tradicionais são reais e vivos para os povos ancestrais e tradicionais, porém assumem significados e usos diferenciados a depender do povo em que se trata.



Universidade de Brasília

Para dar melhor visibilidade a essa questão trarei aqui de algumas concepções diferenciadas sobre o que são as medicinas tradicionais. Porém, vale destacar que essa dissertação se debruça sobre a medicina tradicional do povo Apurinã, o que não inviabiliza e nem anula a possibilidade de ampliar os horizontes do saber com relação a esse grande universo que envolve a medicina tradicional de vários povos encontrados mundo afora.

Um agente indígena de saúde (AIS) do povo Kaxinawá, do alto Juruá, no estado do Acre, citado por Ferreira (2013), fala sobre seu entendimento sobre a medicina tradicional a partir de seu povo.

Quando se fala da medicina tradicional que vocês colocaram aqui, era isso: a nossa medicina tradicional era todo o conhecimento de um aos outros, dos nossos antepassados, que eles colocavam a sua ideia na questão do solo, da floresta, dos líquidos que é a água. Tudo um pouco disso aí, nossos animais, tudo é medicina tradicional, porque alguma coisa desses objetos você usa na sua ciência, nos seus costumes, nos seus ritmos, para fazer uma medicina daquilo ali. Então, é um conhecimento mesmo natural, que traz alegria para todo mundo na hora que você consegue aquilo.... Tudo o quanto você pensar da sua ciência, da sua sabedoria, ela pode ser uma medicina. Toda a nossa floresta, todo e qualquer pé de árvore é uma medicina. Então, dá ânimo para a gente esses conhecimentos! (FERREIRA, 2013, P.216).

Por outro lado, no campo das políticas públicas, uma definição dos conhecimentos tradicionais vem inspirada da Organização Mundial de Saúde (OMS), pautando o espaço internacional e nacional, neste último caso, por meio do Ministério da Saúde, através da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASI), descritas a seguir:

Práticas, enfoques, conhecimentos e crenças sanitárias diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, animais e/ou minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios aplicados de forma individual ou em combinação para manter o bem-estar, além de tratar, diagnosticar e prevenir enfermidades (OMS, 2002, p.33).

As práticas de cura respondem a uma lógica interna de cada comunidade indígena e são produto de sua relação particular com o mundo espiritual e os seres do ambiente em que vivem. Essas práticas e concepções são, geralmente, recursos de saúde de eficácia empírica e simbólica, de acordo com a definição mais recente da OMS (Brasil, 2002, p.16-17).

Chamo atenção para a importância dessas concepções trazidas pelas políticas públicas, a partir da atuação do movimento indígena e sua agenda de demandas, considerarem as definições da medicina tradicional tendo como base cada povo indígena. Considerar essa diversidade cultural é essencial para qualquer tipo de diálogo, efetivando o respeito aos



sistemas próprios de cuidado dos povos ancestrais. Com certeza, as concepções trazidas pelas políticas e pelos órgãos governamentais e não-governamentais, mesmo diante de uma possível aproximação com as realidades indígenas, não irão englobar a profunda dimensão da medicina tradicional indígena em suas diversas faces, pois quem a produz, fala e pensa de lugares e experiências diferenciadas no universo. No entanto, quando essa diversidade da medicina tradicional é sinalizada, mostra a via de acesso encontrada pelos povos indígenas para serem respeitados e terem um diálogo com o Estado.

Ao se tratar da medicina tradicional e a maneira como se operacionaliza, vale destacar o que foi dito por Francisco Apurinã (2017), que afirma que na cosmologia Apurinã, os *Kusanaty*, como são chamados os pajés pelo povo Apurinã, possuem diferenças internas, como citado a seguir:

Existem dois tipos de *kusanaty*: um trabalha somente com a “medicina tradicional”, cuja ervas medicinais encontradas na floresta são utilizadas para banhos, chás e rezas durante rituais de cura; o outro, [...] opera com poderes xamânicos materializados em pedras introduzidas em seu corpo. São estes os verdadeiros diplomatas do cosmos, aqueles que detêm os conhecimentos tanto para curar, como para causar doenças e até mesmo para matar. São eles que possuem códigos para se comunicar com o mundo dos espíritos da floresta, habitantes de outras terras, e ainda são responsáveis por acontecimentos inusitados que transcendem aquilo que nossos olhos leigos podem ver. (APURINÃ, 2017, p. 7).

Somente esses detentores desses saberes e possuidor destes poderes, compreendem a dimensão deste conhecimento e sua articulação ora com as ervas ora com o mundo invisível. São conhecimentos ancestrais que estão além até mesmo de alguns sabedores que comungam deste mesmo povo. Um *Kusanaty* é um ser que está ligado e conectado a tudo que se move dentro e fora de sua base, é considerado um grande núcleo da aldeia em que se encontra.

O *kusanaty* é sem dúvida a pessoa mais importante para o bem-estar coletivo, pois é detentor de conhecimentos fundamentais que permitem que cure os doentes, adivinhe coisas que ainda não aconteceram e exerça proteção sobre as pessoas de sua e de outras aldeias contra os ataques de outros *kusanaty*. Isto ocorre tanto no plano material como no imaterial, ou seja, os *kusanaty* atuam tanto acordados como em sonhos, em forma de gente ou de animal e ainda protegem seu grupo contra as investidas dos “bichos” da mata [...] O universo místico que envolve os *kusanaty* é amplo e pessoal. Contam os *kywmanety* (os anciãos, sábios “troncos velhos”) que os pajés são detentores de poderes capazes de cegar, mutilar ou até matar pessoas apenas com seu olhar. (APURINÃ, 2017, p. 8).

Saudoso pajé *Arywka* do povo Apurinã, falava muito para mim sobre estes acontecimentos inusitados aos olhos de quem nunca tinha visto, eu no caso, no meu tempo de criança, vale lembrar seu conhecimento, de acordo com *Arywka*: “A cura das pessoas enfermas acontecia apenas no olhar dos pajés; no toque com as



Universidade de Brasília

pedras e ervas medicinais movidas por ele” (depoimento do pajé *Arywka* da medicina tradicional - *in memoriam*, durante a festa tradicional, Xigané, do povo Apurinã, Terra Indígena Apurinã do Km 124 – Aldeia Kamapa, 2000).

Para Apurinã (2015), a figura do pajé sempre foi muito respeitada, durante os rituais sagrados, na coleta e no preparo com os remédios das ervas medicinais. Sob a luz do xamanismo tudo que é relacionado com a cultura está conectado. Não tem como distanciar-la dos demais aspectos socioculturais. A cultura sob essa perspectiva exerce um papel centralizado, onde todas as outras temáticas dialogam ciclicamente em seu entorno assim, rituais, como, por exemplo, *Kyynyri e Xigané* comemoram a passagem dos espíritos, envolvem crença, cantorias, rezas, pinturas, espiritualidades, línguas e pajelança.

Vale destacar que, se por ventura um pajé falecer ou se afastar de suas atividades espirituais dentro da base em que se encontra, acontecerá um desequilíbrio e descontrole daquele local, pois a figura do pajé é, sem a sombra de dúvida, um dos pilares cruciais para a resistência da terra ou aldeia indígena em que se encontra. O pajé é o verdadeiro guia espiritual e que também age no campo físico, pois o mesmo transita nestas duas vertentes para a defesa e ataques contra quaisquer ameaças dos inimigos. Algo semelhante do que acontece entre os Apurinã também acontece entre os Yanomami, nesse sentido, Guimarães (2011) apresenta o que aprendeu entre os xamãs Yanomami, que explicaram que eles mantêm relações com diversos seres que habitam o cosmos, amenizando conflitos e realizando alianças necessárias para manter o ritmo da vida social.

No caso do meu povo, um exemplo de um grande pajé foi *Arywka*, ao mesmo tempo era pajé e cacique, além de ser um dos pioneiros da construção da farmácia viva, sobre as ervas medicinais do povo Apurinã. Então, a importância deste grande diplomata do cosmo, dos mundos visível e invisível, lidando tanto com seres da floresta quanto com não-indígenas, o pajé é o centro principal do fortalecimento cultural em que se vive.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Algumas perguntas nortearam este estudo orientando os passos que dei na trilha para buscar esse conhecimento, que o fiz levando o panier de conhecimento que citei acima. A



primeira pergunta que fiz foi o que estou buscando estudar. Respondendo-a, este trabalho trata de uma maloca das medicinas e sua relação com o pajé *Arywka*, partindo da realidade da maloca das medicinas, tendo como o fio condutor a biografia do pajé *Arywka*. Percebo ser fundamental conhecer melhor os fatores que interferem na utilização da medicina Apurinã, identificando as principais causas do enfraquecimento do uso e da desvalorização das ervas medicinais na Aldeia *Kamapa*, bem como possíveis medidas de fortalecimento da maloca das medicinas, evidenciando assim o protagonismo do povo Apurinã na construção e condução de sua história.

A segunda pergunta foi onde busquei essas informações. A pesquisa foi realizada na terra indígena Apurinã do Km 124 – BR 317, na aldeia *Kamapa* no município de Boca do Acre – Amazonas, Brasil.

A terceira pergunta foi, como realizei este estudo. Trata-se de um jeito de pesquisa Apurinã da aldeia *Kamapa*. Nesse tipo de pesquisa, cabe ao pesquisador total respeito, seguindo o padrão das pessoas do local a ser estudado, do jeito deles, seja acompanhando as pessoas numa pescaria, numa caçada, num encontro de uma planta medicinal, numa abertura de um roçado, na construção de uma maloca, em um processo de cura, em uma cerimônia das passagens de espíritos ou numa contação de histórias. Durante esse processo, surgiram as respostas que esperava adquirir, respeitando os limites de cada sujeito.

Foram utilizadas as seguintes técnicas para a pesquisa: a) rodas de conversas b) entrevistas abertas c) conversas informais e formais, d) elementos áudio – visuais/ fotos e vídeos.

No mais, trata-se de uma pesquisa etnográfica, seguindo a linha de pensamento de Francisco Apurinã, quando em seu artigo intitulado “Um olhar reverso: Da aldeia para Universidade” chama atenção para a possibilidade da etnografia ser alterada, a partir da realidade que se apresenta. O autor utilizou o pensamento de Seu Antônio (Presidente da Associação do Jequitibá) para comparar os métodos de pesquisa a uma ferramenta comum: *“Uma ferramenta é um objeto sem vida própria. Quem dá vida para ela são as mãos que a manejam. Para o bem ou para o mal. O mesmo machado que racha a lenha pode acabar com uma floresta ou machucar uma pessoa”*.

Além deste ponto, Francisco Apurinã evidenciou que cada pesquisador terá sua própria abordagem, já que é constituído de singularidades, e que nesse campo, o pesquisador nativo terá uma atuação diferenciada de um pesquisador externo à realidade.



Universidade de Brasília

Quando por exemplo, eu pesquiso o meu próprio povo, o resultado é basicamente a reprodução do meu dia a dia na aldeia, construído a partir de um diálogo sinérgico, coetâneo, mas também épico com os diversos atores, sobretudo, com os velhos sábios [...] já quando a pesquisa é realizada com outro povo, prefiro nas duas primeiras semanas fazer uma imersão no cotidiano daqueles que serão meus interlocutores, abstenho-me de qualquer material, equipamento ou pergunta, na tentativa de estabelecer confiança, respeito e alteridade recíproca (Apurinã, 2017).

Assim concordando com o pensamento de Francisco Apurinã me coloco como pesquisador nativo da nação Apurinã, que busca uma abordagem de pesquisa que respeite as singularidades e principalmente o protagonismo do povo Apurinã frente à produção de conhecimento.

4. A IMPORTÂNCIA DESTE TRABALHO PARA O POVO APURINÃ

Este trabalho traz o protagonismo da nação Apurinã, onde o indígena narra quem ele é realmente, onde o pesquisador e o pesquisado sofrem as mesmas ações, onde ambos conhecem suas fontes de fortalecimentos e também as fontes de impactos que os ameaçam no mesmo momento, e por que não mostrar um pouco da epistemologia e da ciência Apurinã? Pois nós também temos nossos conhecimentos e seria bom dar uma parcela de contribuição para a sociedade de modo geral, através de um diálogo com saberes tradicionais e científicos, principalmente através de uma biografia de um pajé da nação Apurinã.

Bom salientar que os Apurinã são uma nação que tem uma grandeza enorme de conhecimentos, e por vários séculos resguardavam e resguardam suas epistemologias e partilham somente com os de sua nação e apenas com os escolhidos. É tanto que não procuram muito está se apresentando, no mais acham importante alguém de seu povo os representar, sempre observadores e sérios no universo dos conhecimentos. Como o trabalho é voltado a uma terra indígena Apurinã específica, vejo que a maior valorização servirá para a terra indígena abordada. Não vai ser por este motivo que outras terras Apurinãs iriam ficar de fora, pois, o objetivo deste trabalho como já dito anteriormente está no protagonismo da



nação Apurinã, onde tudo que envolve os Apurinãs está ligado ciclicamente com os demais pilares do meio social Apurinã.

Além desses fatores citados esse trabalho ganha relevância, pois retoma a importância de um dos grandes sabedores das ervas medicinais e com isso ajuda evidenciar a crucialidade da articulação do povo Apurinã para a manutenção da cultura e do equilíbrio da maloca das medicinais. As medicinais do povo Apurinã é algo de extrema importância, o trabalho com as ervas, com animais, minerais, água, terra e ar, estão em outros locais. No Centro de Medicina Indígena, localizado na cidade de Manaus, o qual foi construído pela ação de lideranças indígenas dos povos do Amazonas (BARRETO, 2018), conta com vários produtos do povo Apurinã, remédios para curar e prevenir vários adoecimentos. Somos conhecidos na região amazônica também por esses produtos que fazemos.

5. *KĀGUYTY PUPŶKARE*: A NAÇÃO APURINÃ



Foto: Ritual do *Xigané* realizado na aldeia Camicuã, TI Camicuã, no ano de 2005.



A nação Apurinã, que também se reconhece como *Pupÿkare*, fala uma língua do tronco linguístico Aruak. A língua mais próxima seria a do povo Manchineri, mas é afirmado pelos mais velhos, que eles também compreendem um pouco da língua do povo Kaxarari, devido a sua saída conjunta da “terra sagrada”, segundo versa a Cosmogonia do povo Apurinã.

Segundo Cândido (2016:03-04), a organização social é um dos primeiros assuntos que os Apurinã explicam sobre seu povo, com destaque para sua estrutura social, que possui como base, a divisão de metades exogâmicas com funções sociais e políticas que se definem, sobretudo, pelo direito de consumo ou restrição a certos tipos de alimentos, pelo direito ao casamento e ao comando da nação. Tais metades denominam-se *Meetymanety* e *Xiwapurynyry*, desse modo a primeira é tradicionalmente representada pela figura da *kyãty* (cobra jiboia) e a segunda por *wainhamary* (cobra sucuriju). Nessa ordem, são também conhecidas como os guerreiros e os pacificadores, respectivamente, seguindo uma relação de parentesco patrilinear. É bom salientar o que disse uma das maiores lideranças da região sul do estado do Amazonas durante um planejamento que estive participando a convite do meu primo Francisco Apurinã, na terra indígena *Camicuã* pertencente a nação Apurinã:

Eu estava sentado junto a alguns jovens, homens e mulheres de outras terras conversando e brincando, daí o cacique geral da terra indígena *Camicuã* chegou e disse que gostaria de saber qual era o clã de cada um, e todos nós falamos nossos clãs, em seguida ele disse, só para constar, pois sabemos com quem devemos brincar, se aproximar e nos relacionar, pois devemos respeitar cada clã e seu jeito, pois não podemos nos relacionar com o mesmo clã, pois é o mesmo de se relacionar com um irmão (*Humanary* Apurinã, depoimento de 2015).

De acordo com a narração de *Humanary* se porventura o mesmo clã se relacionar sexualmente é o mesmo de se relacionar com seu irmão, ou seja, trata-se de uma relação tabu, no mais, o cacique salienta também que temos que ter cuidado até mesmo com as brincadeiras, pois o respeito sobre os clãs é grande, principalmente quando se fala nesta divisão exogâmicas. Os mais velhos contam que quando há uma relação entre clãs iguais é invocado uma espécie de minhocão, porém só é visto no campo espiritual, por um forte pajé. Um verme que ataca tanto o homem quanto a mulher e principalmente a criança que vai ser gerada, assim nascendo com muitas sequelas como, cegueira, falta de membros ou com alguma deficiência a mais, por este motivo é tão rígido assuntos relacionados a casamentos entre os clãs.



Universidade de Brasília

O território tradicional do povo Apurinã está localizado nas margens do médio rio Purus e seus afluentes do Sepatini ao *Hyacu* (Iaco) e principalmente seus dois principais rios o *Aquiri* (Acre) e *Ituxi*. Segundo a cosmologia Apurinã o rio Ituxi que faz fronteira com o estado do Amazonas e Rondônia tem muito mistério e vale a pena salientar que este rio está na origem dos Apurinãs e aos demais povos vizinhos como o povo Kaxarari. As migrações dos Apurinãs constante, assim como suas implantações em outros espaços, aconteceram pelo conflito entre o próprio povo por questões voltadas a ideias diferentes, tirando questões de casamentos e combates entre *Kusanaty*.

Bom salientar que os Apurinã são os verdadeiros originários do médio rio Purus:

“Embora não possuam mais terras no estado do Acre, são os habitantes originais do médio rio Purus e do rio Acre, eles ocupavam no final do século XIX, a terra que correspondem hoje a capital Rio Branco – Acre” (Vanessa, 2010: pág. 53).

Não posso deixar de falar o porquê os Apurinã não têm mais terras no estado do Acre, o povo Apurinã foi basicamente o primeiro a receber os impactos dos não índios no estado do Acre, por meio dos caucheiros Peruanos, Seringalistas e fortes patrões. O maior centro que se encontrava os Apurinã no estado, era o chamado Gameleira, hoje chamado de Rio Branco a capital do Acre. Os Apurinã passaram por diversas crueldades do recém-nascido ao ancião. Vale apenas ver o que narrou um dos maiores pajés Apurinã:

Segundo alguns patrões da minha época em que tive contato como Ciarazinho e Augusto ventura que moraram por longas datas no Acre, que depois se mudaram para perto de nossa terra, falavam que os Apurinã em Rio Branco eram chamados de os temidos Apurinã, por que eram muitos e muito valentes e não se misturava com outros índios, foi por este motivo que eles desceram o rio Acre na época e estão perto de nossas terras agora, ouvi isso quando eu era menino, quando eles também tentaram nos amansar (Mario Miguel Apurinã – *in memoriam*, Terra indígena Apurinã do Km 124, aldeia Kamapa, fevereiro de 2016)

Os Apurinã tiveram muitas passagens e algumas delas irei relatar aqui para melhor entender o desaparecimento de terras Apurinã no estado do Acre, em um breve relato, a partir de uma narração de Mario Miguel Apurinã esse era um pajé *Kusanaty*:

Quando eu era criança ao lado de meus irmãos, minha mãe *Kamapa* juntamente com minhas duas tias *Mosa* e *Manhé*, contavam muitas realidades que já tinham passado em suas vidas antes de chegar no território em que estávamos, e a onde você está agora Alan, este chão tem muitas passagens e aquele sol que você está vendo, viu muitas coisas. Minha mãe contava que no seu tempo de criança era muito diferente



Universidade de Brasília

do tempo em que ela estava passando na época em que me contava as histórias, dizia que quando era criança os *Ayku* (Maloca/casa) eram maiores do que as de hoje, pois era muito *Pupÿkare* (Apurinã) tanto como mulher e homem, as festas eram mais lindas do que as de hoje, muitos cantos, dança, muito *Awyry*, era momento que ela sentia muita segurança não sabia o que perigo ou dormir escondido, éramos mais fortes e tínhamos um contato maior com os encantados da floresta, lembro daquele tempo como o **tempo das malocas** grandes ele falava. Contava muito dos contatos com os Kariú (Branco) eles pareciam com índios, mas de pele alva (Branco), mataram muito nossos parentes, nossas crianças, mulheres grávidas, os *Kywmãty* (Anciões) chegavam tocando fogo nas malocas e cortando as crianças, os homens, muitas mulheres e homens morreram lutando, neste início de tempo nos não parava em um único lugar, sempre nos ia mudando de lugar, as vezes encontrávamos nossos parentes sobreviventes de outros ataques, daí a gente se juntava e fazia aldeia, sempre com um tempo mudando de lugar, parecia um **tempo de correria**. Contava muito dos parentes que eram pegos por cachorros, para serem aprisionados em lugares que só vivia branco, tiveram vários Apurinãs que eram amarrados e ficavam presos, com um tempo depois os brancos ensinavam do modo deles os parentes a tirar borracha (Látex) para eles, nos Apurinã já vivemos por muito **tempo em cativeiros** ela me falava muito quando eu era *Anamaryty* (criança). Com um tempo depois os grandes tuxauas Apurinã resolveram ficar mais unidos e ajuntar mais, com quem estive vivo, até o momento, foi onde começaram a se organizar em grandes grupos novamente, mas também não era a quantidade de parente como antigamente, porem estavam fortes e daí começaram a lutar para nós sobreviver dos Kariú, como um passar de um tempos estamos aprendendo a falar a língua do branco conseguíamos entender eles, por meio de parente que tinham sido pegos, mas com um tempo depois fugido, daí fomos dialogando com outros povos que tinham passado pelo mesmo processo como o povo Kaxarary, Kamapa falava junto com minhas tias. Depois fomos conhecendo nossos direitos e a lutar por eles, e até hoje estamos no **tempo dos direitos**, na luta por eles, pelos nossos parentes que morreram nessas passagens que minha mãe contava (Mario Miguel Apurinã – in memoriam, terra indígena Apurinã km 124, aldeia Kamapa, fevereiro de 2015).

Com relação à origem dos Apurinã vale ressaltar o que *Kuranakaya* Apurinã narrou durante uma contação de história a noite para seus parentes.

Nós somos originários desta redondeza daqui mesmo, passamos por diversos desafios envolvendo guerras entre outros povos e principalmente por vários bichos na floresta como o gavião real que comia nossos olhos a noite e pelas perdas dos nossos parentes durante as caçadas sendo devorados pelos *Mapiguarí* (monstro de um olho só). A causa disso foi pela nossa própria desobediência, pelas brigas internas e atitudes ilegais que quebravam nossa tradição, andamos por muito tempo ficando em lugares diferentes, mas hoje estamos aqui na porta de onde viemos e para onde vamos, no fundo da nossa terra tem o chamado rio *Ituxi* como todos daqui conheci, lugar onde vimos muitos povos passaram para a terra sagrada e muitos ficarem para trás comendo frutas, assim como o nosso povo, nosso tempo de travessia para a terra sagrada estava muito próximo, mas durante nossa caminhada acabamos nos encantando por esta terra em que moramos hoje e perdemos de vista nossos guias que era o *Otsāmanery* (Jaburu), e nós já em uma distância muito longa da terra sagrada vemos apenas a escada desaparecendo, assim ficando nesta terra. Onde também aconteceu nossa última guerra com outra nação indígena, com o povo Kaxarari, por causa de casamento, e hoje este rio é a fronteira entre nós Apurinã e o povo Kaxarari, mas também nosso local de origem e de ambas nações. Meu pai Osvaldo Apurinã, grande conhecedor da espiritualidade falava para nós nunca ir para este rio sozinho e nem tampouco banhar nele, pois todos os índios que fizeram isso nunca mais retornaram para o mundo aqui na terra, pois para nós é um local sagrado e deve ser respeitado, não é qualquer pessoa que deve passar por ele, nem mesmo um forte *Kusanaty* pois como disse também é uma fronteira para não passar



para o outro lado. (Kuranakaya Apurinã, depoimento 2016 terra indígena Apurinã do km 124, aldeia *Kamapa*).

Para os Apurinã, o fato narrado acima é uma realidade e acho crucial poder retratá-la para as novas gerações para entenderem suas raízes, algo que jamais deverá morrer dentro de cada Apurinã, pois mostra uma rama da origem da nação Apurinã e por conta das migrações deste povo se encontram em diversos cantos do Brasil, como Amazonas, Acre, Rondônia e Mato grosso. Vale a pena ressaltar que os *Otsãmanery* representavam a figura dos pajés sendo guias para a terra sagrada e depois de muita luta para levar estes dois povos para a terra sagrada, sem obter sucesso seguiram para o local que *Tsurá* (Criador do mundo) tinha destinado. Veremos aqui o último censo desta nação registrado pelo Ministério da Saúde (MS), Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI).

Tabela 1 – Povo Apurinã, segundo o censo do Ministério da Saúde

Tronco linguístico	Aruak
Língua	Maipuri ⁶
Estimativa	9.487
Terras habitadas /Demarcadas	27
Localização	AM, RO, AC

Fonte: Sesai/2014

5.1 A Terra Indígena Apurinã do KM 124 BR 317

A Terra Indígena (TI) Apurinã do km 124 possui uma extensão territorial de 42.199 hectares, em grande parte coberta por vegetação, devidamente registrada e se encontra homologada, pelo governo federal. Conta com uma população de 450 pessoas distribuídas em duas aldeias denominadas de *Manhê e Kamapa*, nomes herdados de suas matriarcas. A referida área indígena conta com duas escolas de ensino fundamental e médio e um posto de

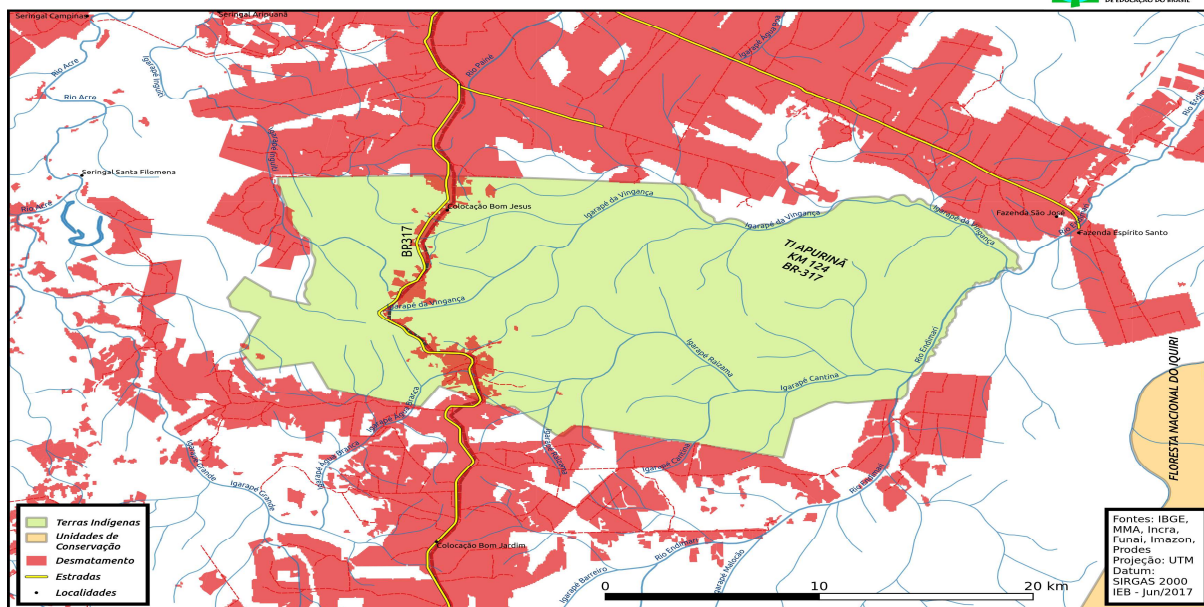
⁶ A língua Maipuri do povo Apurinã não pode ser traduzida literalmente para o português. Sendo assim, o que busquei neste trabalho foi realizar traduções aproximadas, a fim de facilitar a compreensão dos conceitos e pensamentos.



Universidade de Brasília

saúde localizado na aldeia *Kamapa*, que fornece serviço da atenção básica, como: consultas ambulatoriais, visitas domiciliares, imunização e remédios da farmácia básica do Sistema Único de Saúde (SUS), dentre outros.

TERRA INDIGENA KM 124 BR-317



A TI está localizada às margens da rodovia federal BR-317, no trecho que liga a cidade de Rio Branco no Acre ao município amazonense de Boca do Acre. Quando alguém de fora visita esta terra, um dos primeiros assuntos abordados é a história dessas aldeias, como relatou *Arywka*:

O povo Apurinã desse local é originário daqui mesmo. Em 1950 houve forte epidemia de sarampo que matou muita gente do nosso povo, a maioria morreu trancado em suas *Ayku* (casas) com medo de sair, e apenas 05 pessoas sobreviveram fugindo por dentro do igarapé *Sepatini*, entre elas, minha mãe *Kamapa* e sua irmã *Manhê*. daquelas cinco pessoas nós aumentamos para mais de 200 atualmente, e nada mais justo do que homenagear as duas irmãs botando em nossas aldeias o nome delas (*Arywka*, Aldeia *Kamapa*: depoimento em agosto de 2013).

Arywka se refere à importância histórica que a terra indígena e suas respectivas aldeias representam para seus moradores e para o fortalecimento dos conhecimentos de suas raízes, uma crucialidade que é vivida todos os dias nesta TI. Não podemos deixar de ressaltar que esta terra é conhecida regionalmente por sua maloca das medecinas (Farmácia viva para sempre) que também simboliza umas das características da nação Apurinã. Uma realidade que iremos discutir logo a frente, devo salientar que também é uma das grandes importâncias para qual me motivei fazer este projeto. Essa terra indígena tem como potência econômica a castanha da Amazônia (Castanha do Pará) um precioso recurso natural, e como segurança



cultural, conta com a maloca das medicinas, que está sofrendo uma série de ameaças e que tem tendência de desaparecer. Outro problema que ameaça a terra indígena Apurinã do km 124, principalmente a geração atual é a ação do narcotráfico, com muitas ameaças feitas por traficantes.

Outra fonte de impacto é a BR 317 que corta as duas terras indígenas ao meio, uma área indígena que já foi palco de tantas conquistas e hoje é um cenário de diversos impactos negativos. Pior ainda, é que até o presente momento os direitos de mitigação e compensação assegurados em lei (legislação ambiental) com vistas a atenuar os impactos gerados por ela, não foram cumpridos. Porém vale destacar, que mesmo nesse contexto de ameaça, o povo Apurinã ainda resiste mantendo sua cultura, língua e crença.

A execução de serviços destinados à estrada, no que compreende sua instalação, vem se perpetuando a mais de seis décadas, e com eles inúmeros impactos negativos: (a) retirada de madeira, caça e pesca ilegal; (b) escassez de recursos naturais; (c) alguns impactos sobre a cultura. Muitos desses impactos são considerados irreversíveis, como a destruição de cemitérios que ficavam onde hoje é a estrada.

Este fato pode ser atribuído a falha na elaboração de um Estudo de Impacto Ambiental (EIA), realizado em 2008, sem a participação do povo indígena local. As lideranças indígenas com apoio de alguns representantes institucionais conseguiram anular tal relatório, implicando ao governo federal, nesse caso, o Departamento Nacional de Infraestrutura de Trânsito (DNIT) a refazer os estudos. Porém, somente em 2014, o Plano Básico Ambiental do Componente Indígena (PBAI) foi elaborado. O processo do licenciamento ambiental está em andamento, com todos os documentos produzidos e entregues ao DNIT e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Portanto, ainda se encontra sem resposta o retorno devido aos povos indígenas afetados, incluindo neste contexto a permanência e fortalecimento da “Maloca das Medicinas viva para sempre”.

Vale a pena ressaltar a importância do protagonismo de uma mulher deste território, que pela sua sabedoria, força e coragem se tornou uma grande liderança, e por isso não podemos deixar de mergulhar nessa história, a história de *Kamapa*.

5.2 *Kamapa*: A mulher das Raízes



A terra indígena Apurinã do km 124 não foi apenas marcada pelos impactos atuais, mas também por conquistas que envolveram grandes mulheres guerreiras, que para muitos dos homens desta terra e dessa época não aceitariam enfrentar, ou melhor, dizendo, nenhum homem sobreviveu durante este período, considerando esse grupo que irei abordar agora. Vale muito a pena destacar a realidade que envolveu a luta das mulheres Apurinã na formação desse território.

Desde o tempo em que saí da minha terra indígena Apurinã do km 124, ouço e sinto o cheiro de que o homem é sempre uma autoridade no mundo global e principalmente dentro de casa, onde a discussão sobre gênero está muita das vezes marcada e definindo quem é forte ou fraco. Mas me pergunto, às vezes, quem nos gera? Quem gera o forte e o fraco? E quem são os que defini o forte e fraco? Essas questões são o pano de fundo do que pretendo discutir a luz de uma realidade que irei contar.

A história que venho contar tem início durante o ciclo da borracha, que aconteceu nos estados do Acre e Amazonas no século XIX. Momento esse em que a Amazônia era chamada pelos colonizadores de “Inferno verde”. Quando claramente houve incentivo por parte do governo para que ocorresse a colonização de territórios indígenas por não-indígenas, trazendo inúmeros impactos no modo de vida da nação Apurinã como dos demais povos indígenas da região, que foram sufocados pelos caucheiros Peruanos do Oeste e pelos seringueiros da região Nordeste.

No meio desta grande batalha estava minha bisavó *Kamapa*, neste tempo ela tinha vinte *Kacyry* (lua) e com cinco filhos e ela era pajé das medicinas tradicionais de sua nação Apurinã. Neste ciclo, *Kamapa* falava que para ela não era ciclo da borracha, mas “o tempo das correrias”. Nós estávamos no lugar que mais tinha caucho e seringa, fundamentais para fazer a borracha. *Kamapa* estava, nesta época, em um lugar chamado de *Ayku* (Maloca Palheiral) que tinha aproximadamente setecentos índios Apurinã, localizado no sul do Amazonas nas margens do rio Sepatini. Ela falava sobre três ataques contra nosso povo Apurinã, momentos ocorridos no município de Boca do Acre, estado do Amazonas que faz Fronteira com estado do Acre. O primeiro ataque ocorreu quando os caucheiros peruanos chegaram dentro da maloca no amanhecer do dia, eles cercaram a maloca e neste dia correu muito sangue.



Muitos parentes morreram lutando, muitas mulheres mortas e estupradas, tocaram fogo nas malocas, esfaquearam nossas crianças, uma cena forte que *Kamapa* menciona foi de uma criança sendo jogada para cima e aparada no fio de um punhal. Os olhos da *Kamapa* e de outras guerreiras e guerreiros viram este momento muito forte acontecer. Neste dia, poucos conseguiram escapar pelos rios, igarapés e locais debaixo da terra. Depois disso, os Apurinãs que sobreviveram fugiram para um local distante chamado de Igarapé Sepatini, lá construíram novas malocas, novas famílias. Nesta época, houve o início de um novo ataque, agora dos peruanos que já não estava trabalhando com o caucho, mas sim morando em comunidades tradicionais, onde se inicia a relação mais próxima do indígena com o não-indígena e com isso a geração de novos impactos.

Durante o contato com um não-indígena e com um parente da terra indígena que *Kamapa* estava, foi dado um alerta de que uma doença estava se alastrando e matando muitos parentes e não-indígenas. Pouco tempo depois, essa terrível doença chegou ao território Sepatini com grande força, onde ficou conhecida com o nome de sarampo e gripe. Nesse ciclo *Kamapa* falava que estava com vinte e oito luas, sua idade de vida, onde presenciou um grande surto que matou muitos parentes daqueles que tinham sobrevivido ao último ataque. *Kamapa* contava que muitos parentes morreram trancado em suas casas para não passar a doença para os parentes. O único remédio que ajudava e diminuía a doença era a medicina *Awyry* (Rapé Apurinã).

Kamapa chegou à conclusão de que não tinha como continuar na Maloca, pois eram muitos os enfermos e muitas mortes. Sabia que não poderia curar todos, e cada dia que se passava a epidemia aumentava e não tinha como os parentes dar sinal de melhora, permanecer no mesmo local não dava, decidiu então parti. Ficou muito triste por que não ficou até o fim, pois sabia que o destino dela e dos filhos ali era a morte, então seguiu sua nova jornada rumo a um ambiente que pudesse criar seus filhos e gerar uma nova terra indígena.

No momento da saída de *Kamapa* foram com ela as duas irmãs que tinham sobrevivido *Manhé* (Mestra das rezas) e *Mosa* (Coruja) que em nome não indígenas eram chamadas de Ybelina Apurinã (*Manhé*) e a outra Mosa Vieira Apurinã (Mocinha).

Passaram um longo tempo como nômades, sem paradeiro, como de costume em momentos de guerra. Depois disso viram que o perigo já não era tanto, então as três sozinhas começaram a abrir uma terra indígena, que hoje é a terra indígena Apurinã do km 124, uma construção coletiva, uma ajudando a outra juntamente com os filhos. A primeira terra



indígena que construíram foi a da *Kamapa*, da minha bisavó e a da irmã mais nova Mocinha, a segunda mais velha *Manhé* quis morar em outra terra, que acabou se tornando duas aldeias em um mesmo território com o passar do tempo.

Assim, as três criaram suas filhas e filhos dentro da terra indígena Apurinã do Km 124, com seus costumes e crenças, se tornando as tuxauas (chefes gerais) e lideranças. *Kamapa* estava muito feliz porque sabia que seus filhos e sobrinhos estavam fora de perigo, mas esta felicidade não durou muito, pois o empreendimento da construção da estrada em seu território chegou até suas bases em 1960, pelo antigo Departamento Nacional de Estradas (DRNER), hoje Departamento Nacional de Infraestrutura de Trânsito (DNIT) no governo João Goulart.

Esse foi o início de uma nova luta para *Kamapa* e seu povo, desta vez, elas resolveram ficar até o último guerreiro, nem que custasse suas próprias vidas. *Kamapa* deu o comando para que todos ficassem e lutassem, com suas armas. Os não índios envolvidos com a construção da estrada ficaram muito assombrados, porque nunca tinham visto índios isolados. As três *Tuxauas Kamapa, Manhé e Mocinha* junto com muitos parentes de outras terras indígenas ficaram na frente do empreendimento falando em sua língua Apurinã, realizando uma manifestação histórica para o povo, impedindo assim o andamento na construção da estrada.

Foi quando o coordenador da equipe acionou suas autoridades para poder tratar o assunto, promovendo assim o primeiro contato de *Kamapa* com os indigenistas e antropólogos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que hoje é a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), havendo o terceiro contato com os não índios. *Kamapa* já estava com sessenta anos quando teve contato com o primeiro antropólogo, Normando do SPI. Foi permitida apenas a entrada dele na terra indígena, onde passou muitos dias até que aprendeu a falar o idioma Apurinã. A partir daí descobrimos que para os *Kariú* (branco, não índio) era uma ordem do governo passar a estrada no meio da terra indígena, uma ordem do presidente, que de qualquer forma uma hora iria se tornar realidade.

A grande guerreira *Kamapa* disse para o antropólogo Normando que: “vamos resistir até onde der”. *Kamapa* reconheceu o antropólogo como uma grande fonte de informação em diversos assuntos, principalmente no que tocava a demarcação da terra indígena e o atendimento pelas políticas públicas. *Kamapa* disse que a partir daquele momento estávamos passando pelo “tempo dos direitos”, onde a luta agora era a luta pelos direitos coletivos do



povo Apurinã. Vale ressaltar que um dos filhos da *Kamapa* se tornou uma grande liderança e também pajé das medicinas tradicionais, já que tinha aprendido com a mãe. *Arywka* era filho mais novo de *Kamapa* e deixou um grande legado quando uniu o povo para valorizar a maloca das medicinas (farmácia viva), fortalecendo o espaço, as práticas culturais e os saberes milenares dos Apurinã. *Kamapa* contribuiu para o crescimento do seu filho *Arywka* quando o convocou para ir para Manaus com o antropólogo Normando, a fim de discutir os direitos indígenas juntamente com outros povos, possibilitando sua formação prática como um grande líder.

Enquanto isso *Kamapa* se articula e organiza juntamente com a outra terra indígena abordando a discussão sobre o direito à terra indígena demarcada. Nos momentos de encontro com os parentes para reunião, era feito uma grande festa, porque ela sentia que seus parentes que tinham sido mortos estavam ali para dá forças para lutar. Assim, era feito um ritual chamado de *Kyynyry* (a passagem dos espíritos) um ritual para o fortalecimento espiritual e para obter mais conexão com os seres divinos da floresta.

Infelizmente, a mulher das raízes não esteve presente fisicamente no dia da demarcação da terra indígena, que aconteceu em 1991, mas com certeza sempre esteve atuando com seu povo, como sempre esteve em momento de vida aqui na terra, uma guerreira, grande tuxaua que quando chegava em qualquer lugar homens e mulheres faziam reverência ficando em pé e a saudando. Uma mulher que sempre teve princípios ativos, não enxergava a desigualdade de gênero, mas sim a igualdade, direitos iguais, respeito.

Hoje temos a terra indígena demarcada há vinte e seis anos, a terra indígena Apurinã do Km 124, Aldeia *Kamapa* e *Manhé* que estão localizadas no Estado do Amazonas, no município de Boca do Acre, e mais a frente encontraremos a terra indígena *Chapahau* demarcada, graças ao protagonismo dessas mulheres. Da garra e força de criar seus filhos e construir seus lares e de fornecer um lugar para as gerações futuras, com os princípios mantidos até hoje de respeitar uns aos outros não importa o gênero, mas que todos são capazes de tudo, todos os dias essa realidade é refletida para não esquecerem que as mulheres são importantes na nossa existência e no equilíbrio do mundo.

E quem nos gera neste contexto é claramente a mulher, e quem gera a noção de “forte” e “fraco” é sociedade em que se vive, e quem nos define como “forte” e “fraco” é com certeza a casa dominante. Com certeza a sociedade como um todo diminui a mulher, invisibilizando o seu papel e seu protagonismo nas construções sociais, mas também temos



que considerar que o reconhecimento do protagonismo da mulher depende muito de cada povo e de seus costumes. Atualmente as mulheres indígenas tem se colocado muito à frente da luta pela igualdade de direitos e pela valorização do seu espaço dentro e fora das comunidades, o que é de fundamental importância o fortalecimento e protagonismo das mulheres, sem oprimir ambos os gêneros.

A história da *Kamapa* é um belo exemplo da força da mulher indígena, que no caso do povo Apurinã, garantiu a sobrevivência de um povo, a preservação da cultura e a defesa do território. Além de deixar um grande legado no campo espiritual cultural e político, que foi a preparação do seu filho mais novo para a liderança e pajelança junto ao povo Apurinã, o saudoso pajé *Arywka*.

6. OS *KUSANATY* APURINÃ

Adentrando no mundo dos *kusanaty*, visando melhor compreensão sobre esses “diplomatas do cosmo”, vale destacar o que ressaltou Cândido (2016), a indicação do futuro *kusanaty* ocorre quando esse ainda é criança. Ela é identificada por um sinal inscrito em seu corpo ou por um tipo de choro que emite ao nascer. Esses aspectos são percebidos somente por um “forte *kusanaty*” detentor de poderes sobrenaturais, o qual além de ser um de seus guias espirituais também vai lhe conferir poderes.

Destaco que existem dois tipos de pajé: um que “trabalha somente no movimento materializado com pedras adentradas em seu corpo” e o outro que trabalha somente com as ervas medicinais, com banhos de chás e rezas. Estes sábios e diplomatas do cosmo apresentam os conhecimentos tanto para curar quanto para causar doenças e muitas das vezes chegam a matar seus adversários. São eles os responsáveis por maior relação com a natureza e a espiritualidade, por se comunicar com as plantas e com os chamados encantados da floresta, seres de outros universos, outras dimensões, e por acontecimentos extraordinários que transcendem aquilo que nossos olhos podem ver. Somente outros pajés detentores dos saberes semelhantes conseguem compreender, como ressaltou o saudoso pajé *Arywka*:



Universidade de Brasília

“Quando comecei a curar meus parentes de enfermidades ainda jovem a cura acontecia de uma forma muito rápida para alguns casos e para outros demorava às vezes de semanas, casos mais simples eu só inalava *Awyry* (principal medicina) e mascava *Kastuparo* (folha que mostra a cura) depois eu chupava no local da doença, daí curava o parente doente, casos mais difíceis fazia banho de ervas durante a semana e rezava, não pode faltar durante esse processo, mas quando não tinha envolvimento com *Kariuíá* (Branco) eu curava só no olhar e no mover das ervas medicinais. Pajé sendo bem preparado e com todos os equipamentos ele cura qualquer um, mas também estará fortemente preparado para fazer o mal também e defender sua terra custe o que custar”, (Pajé *Arywka*, na maloca das medicinas, TI Apurinã do km 124 aldeia *Kamapa* 2000 –*in memoriam*).

Não podemos deixar de falar da travessia árdua e de muita coragem que passaram estes grandes diplomatas do cosmo em seu processo iniciação para chegar a se tornar um verdadeiro *Kusanaty*, mergulhando nos rios dos conhecimentos ontológicos Apurinã que constrói a figura de um verdadeiro pajé desta nação. Sem sombra de dúvida a figura do *kusanaty* é muito crucial, pois é o núcleo de todas as saídas e do bem coletivo, detentor de poderes extraordinários, é visto também como grande oráculo por mostrar revelações, conseguindo enxergar o que está por vim e destruir o inimigo antes que chegue, pois, este diplomata transita nas duas vertentes no material e no imaterial, físico e espírito.

O processo de iniciação para se tornar um forte pajé Apurinã é feito em sua maior parte dentro da floresta, onde o escolhido, a se tornar *kusanaty*, passará um longo tempo dentro mata, sendo levado pelo seu guia espiritual. Será exigido restrições de diversos tipos de alimentos e contato com outras pessoas principalmente com mulheres, para não manifestar nenhum desejo sexual, se por ventura sentir perderia a oportunidade de obter os poderes e seria gravemente penalizado. Ao longo desse processo de iniciação, o jovem pajé deve tomar (inalar) *Awyry* para se fortalecer durante o processo.



Momento sagrado da inalação do *Awry*, coordenado pelo cantor Camilo Apurinã, sempre pelos diplomatas do cosmo (Pajé ou Anciões) durante o ritual do Xigané na terra indígena Camicuã, aldeia Camicuã, 2005.

No período de iniciação, é mascada *Kastsupary*, uma folha muito sagrada para facilitar o processo de conquista dos conhecimentos físicos e espirituais, para ter melhor contato com o universo do bem e do mal, da cura, enfermidade e até a morte. Sua única companhia neste período será somente de seu guia espiritual e a pessoa que irá fazer sua comida será uma senhora já idosa, de preferência de seu mesmo clã ou parentesco muito próximo, como falei anteriormente, para não haver nenhum tipo de desejo sexual.

É importante apresentar algumas analogias sobre o processo de iniciação na formação de um *Kusanaty*, expondo diferentes povos indígenas do Brasil. Segundo Siã Huni Kuin:

Pajé dá e tira vida. Para virar pajé, toma *Aywaka* e vai sozinho para a mata e amarra o corpo todo com *Envira* (casca de árvore). Deita numa encruzilhada com os braços e as pernas abertas. Primeiro vêm as borboletas da noite (os *husu*), elas cobrem seu corpo todinho. Vem os *yuxin* (guia espiritual) que comem os *husu* até chegar a tua cabeça. Aí você o abraça com força. Ele se transforma em *murmuru*, que tem espinho. Se você tiver força e não soltar, o *murmuru* vai se transformar em cobra que se enrola no teu corpo. Você agüenta, ela se transforma em onça. Você continua segurando. E assim vai, até que você segura o nada. Você venceu a prova e daí fala,



Universidade de Brasília

aí você explica que quer receber *muka* e ele te dá (Siã, Osair Sales Huni Kuin, 2018).

Para o povo Jaminawa também do estado do Acre, com quem estive na Universidade Federal do Acre – UFAC participando do Fórum da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e Tecnologia – SBPC, na capital Rio Branco, com a seguinte temática “Ciência e tecnologia em uma Amazônia Sem Fronteira”, durante as atividades envolvendo a cultura local, principalmente na contação de trocas de saberes, Zé Correia Jaminawa, um dos maiores líderes do povo Jaminawa, explicou o processo de iniciação de um pajé Jaminawa. De acordo com ele, o guerreiro que deseja se transformar em um pajé tem que tomar *Ayahuasca* (chá sagrado) e chupar a língua de uma cobra específica que representa a figura do povo Jaminawa, logo a frente destrói uma casa de maribondo, sendo totalmente castigados pelos insetos e suas ferroadas, que na ocasião não morrerão, mas que terá uma reação de febre e fortes dores de cabeça, por este fato deve tomar *Ayahuasca* para poder diminuir a dor durante o processo de iniciação.

Práticas tão diversas que devem ser vividas para aquisição de poderes mostram a diversidade étnica que se apresenta entre os povos indígenas, que aparenta estar tão perto, mas que no fundo há um distanciamento de conhecimentos e modos de como entrar em contato com seres cósmicos para poder adquirir seus poderes. Porém, retornando aos Apurinã, o cenário de iniciação é sempre pontuado por um longo período na floresta, um bom lugar a escolher para a realização das provas, visando a formação de um futuro *Kusanaty*, dentre outras finalidades.

Um dos grandes objetivos dessa etapa é de ensinar a controlar o medo, pois este fator é muito crucial para decidir se você merece ou não adquirir poder *Arapani* (pedras xamânicas) que decide a cura, enfermidade, vida e até a morte, principalmente nas alterações relacionadas a fenômenos naturais, como fortes tempestades e furações. Pedras que são inseridas no corpo do futuro pajé, que são entregues por intermédio das grandes figuras que representa um forte pajé, *Kyãty* (jiboia) e *Hãkyty* (onça pintada) ou por outro ser Xamânico da floresta, pois existem diversos, mas os citados são centrais neste processo.

A relação dos Apurinãs com os medicamentos de fora da aldeia tem causado o enfraquecimento dos *kusanaty*, refletido fortemente no desuso das ervas medicinais. Nota-se que hoje em dia é muito mais comum uma mãe ou um pai dar para seu filho algumas gotas de



Universidade de Brasília

dipirona, tilenol ou outros tipos de “drogas”, do que mesmo levar o filho para um *kusanaty* realizar um procedimento de cura. Isso é recorrente nas aldeias, sobretudo, em razão de muitos afirmarem não existir mais *kusanaty* como antigamente.

“Em 2013, período em que eu fui servidor da FUNAI/MJ participei de um projeto de intercâmbio sobre troca de saberes entre o povo Huni Kuin (Kaxinawá) da Terra Indígena e aldeias do povo Apurinã, entre a Aldeia *Kamapa*. Durante os serviços ocorreram diversos acontecimentos relevantes, porém o que mais chamou atenção – foi quando o pajé *Arywka* apresentou sua farmácia viva para o também pajé Afonsinho Manduca Mateus e aos demais Huni Kuin, no ensejo fez questão de explicar com extremo rigor os tipos de doenças que cada planta curava. Aquele espaço foi se transformando num cenário de disputa entre os dois pajés no âmbito de quem conhecia maior quantidade de remédio da floresta. Ambos associavam todo seu conhecimento aos agentes divinos”. (Francisco Apurinã, Rio Branco/AC, depoimento em 26 de fevereiro de 2016).

Neste depoimento de Francisco Apurinã, percebe-se a importância da medicina tradicional para *Arywka* e também para seu povo, sem falar nas transformações ocorridas em virtude dos detrimientos causados pelos diversos impactos negativos, que dentre outros, compromete a atuação dos *kusanaty* e o uso das ervas medicinais. Espiritualidade, língua e a pajelança são alicerces do povo indígena Apurinã, onde os pajés são figuras centrais.

6.1 Imagens de alguns instrumentos de cura dos *Kusanaty* Apurinã



Imagem de dois instrumentos indispensáveis a um Pajé Apurinã: O *mearu* e a *mexicana*⁷.

⁷ *Mearu* é um recipiente tradicional Apurinã usado para armazenar *Awryry*. A *mexicana* é o instrumento utilizado para aspirar o *Awryry*.



Universidade de Brasília



Imagem da principal medicina do povo Apurinã, o Awryry.



Imagem da folha de *Katsupary* utilizada no processo de iniciação dos pajés Apurinã.

6.2 Cerimônia do *Xigané*



Universidade de Brasília

Xigané ou *Kyynyry* é o principal ritual Apurinã que reúne aldeias Apurinã de vários lugares para festejar a passagem dos espíritos de quem já morreu. Também é o momento de se reunir e refazer as alianças entre os parentes e de grupos opositores por isso a presença do pajé, *kusanaty*. Os *Pupŷkare* ainda mantêm viva a tradição deste rito até os dias de hoje, e durante esse período de festejo se caracterizam com tonalidades da floresta, espalhadas em pinturas corporais e variados colares tradicionais.

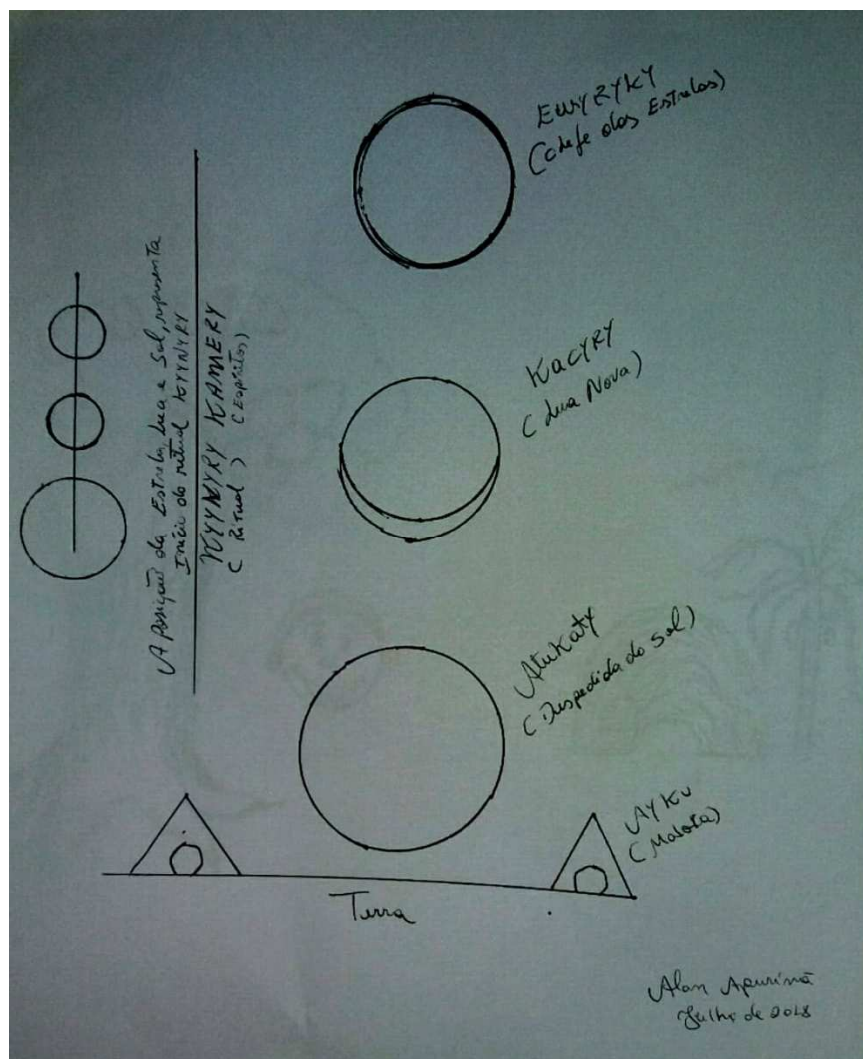
Bom salientar que para o povo Apurinã do Km 124 existe a hora certa de dar o início do rito, vale muito ver o que narrou o primeiro filho desta terá indígena:

Minha mãe Kampa me ensinou desse jeito, quando um de meus irmãos morria ela fazia o ritual de passagem deles, ela dizia que a melhor hora e dia era quando os três elementos naturais estivessem juntos e centralizado um em cima do outro, quando a *Ewyryky* (Chefe das estrelas) estivesse em cima da *Kacyry* (lua nova) e *Kacyry* em cima do *Atukaty* (sol) quando o *Atukaty* estivesse na metade para ir embora e chegar a noite. Esse sim era o momento dos quanto do mundo se abrir e daí fazemos o ritual de passagem de espíritos dos que já morreram, este ritual é de três dias, como os três elementos que estavam centralizados juntos, no primeiro dia é realizado a primeira festa chamada de *Xywpwary*, essa primeira festa serve para alimentar o espírito do morto que está passando pelo ritual. O segundo dia era feito a segunda festa essa é chamada de *Xigané*, essa serve para dialogar com o espírito, para ele não fazer mais medo as crianças. O terceiro e último dia de festa é chamado de *Kyynyry* a passagem final do espírito para o universo das almas e das transformações, assim se transformando em encantados (Mario Miguel Apurinã – *in memoriam*), fevereiro de 2016.

Vale a pena mostrar uma ilustração para melhor entender este processo de iniciação:



Universidade de Brasília



Uma ilustração do processo de início da cerimônia do Xigané (Alan Apurinã, julho de 2018)

As pinturas corporais são tradicionalmente feitas com urucum e jenipapo com grafismo tirados de animais e palmeiras, a principal pintura é inspirada da malha traduzidas do *Kutary* (paneiro), *Hãkyty* (onça pintada), *Wainhamary* (cobra sucuriju) e *Kyãty* (cobra jiboia), sendo a última pintura mais indicada para as guerreiras mulheres e as demais para os guerreiros homens. As pinturas simbolizam o grupo clânico, e o que identifica o que cada um pode comer ou não comer e com quais mulheres deve se aproximar.

Pegando o gancho sobre os clãs, não podemos deixar de salientar que existe mais um clã no universo dos Apurinã assim ressalta *Arywka*:

Este clã é muito característico por suas pinturas diferentes dos demais Apurinãs, todos os *Xigané* que este clã compareceu vem com a pintura traduzida na malha do *Kutary* (Paneiro) principal pintura corporal deste clã, que pertence o clã *Quarynery*



Universidade de Brasília

que tem como principal figura o *Swtopaky Kamyry* (o espírito do sapinho), falo isso porque minha mãe era deste clã, onde moramos tem muitos deste clã *Quarynery*. (Depoimento de *Arywka*, TI Apurinã do km 124, aldeia *Kamapa*, 2005 –in *memoriam*.)

Importante dizer e registrar que o clã *Quarynery* é tido realmente como um clã dentro do território indígena em que foi elaborado a pesquisa, é muito forte dentro desta área. Bom salientar que para outras terras indígenas Apurinã este clã recebe outro nome, é chamado de *mywtemanety*, por um fato histórico. Durante o período que será realizada a festa, alguns dias antes é formado um grupo de homens para caçar e pescar, enquanto do outro lado estará preparando diversos tipos de bebidas tradicionais: de *Typari* (banana), *Kawyry* (pupunha), *Kemi* (milho), *Kynhari* (buriti), *Katarukyry* (macaxeira), *Tsaperiky* (Açaí) e o *Kumery* (beiju). Durante a festa, os alimentos, toda a comida será servida em *Kutary* (Paneiros) para serem distribuídos para os convidados de outras bases.

Vale a pena destacar a importância do *Kusanaty* durante o ritual. Por exemplo, no momento da pescaria, especialmente com o *tingui* (Timbó) sobre a luz da proteção ambiental da política local, que entre outro, desmonta atitudes errôneas já que muitos não indígenas deixam a desejar no que diz respeito à reverência do *tingui*. No momento da pesca, os pajés não entram na água, como disse anteriormente, sempre sérios e observando o ambiente em que estão, principalmente neste ritual do *Xigané*, assentados, ficam na beira do igarapé, quando dá o início da pescaria, que ele será o guia, dizendo: “Aquele guerreiro que pegar o primeiro peixe deve assoprar por três ocasiões na boca do apanhado para a pesca ser de fato bem-sucedida”. O *kusanaty* quando ver uma quantidade excelente de pescado para alimentar os convidados, na mesma hora passa o comando para suspender a pescaria. Na sequência se dirige a floresta e cospe três vezes em símbolo de “cruz”, rumo ao sol nascente, na mesma hora a implicação do *tingui* é desfeito e tudo retorna aos seus devidos lugares.

Esse ritual como, já dito anteriormente, serve para festejar os espíritos do que já se foram e restaurar alianças entre parentes e grupos opostos, principalmente entre os pajés que uns dos responsáveis por manter a proteção de seu território. Bom dizer que são os pajés que dão o início do *Xigané*, pois são estes que estão ligados com os seres da terra e do divino, visível e do invisível, pois são eles que alteram alguns fenômenos inexplicáveis. Antes de iniciar a festa, dois grupos, ambos fortemente armados com seus arcos com flechas e bordunas, vindo de lugares diferentes irão se encontrar no meio do terreiro para a realização



do chamado “Corta *Sãquyry*”, quando, neste momento, cada *Tuxaua* de seu grupo expressa toda sua ira e proferem palavras ofensivas, para o grupo adversário para ver quem é o mais forte.

Neste exato momento, cada um fala o nome do pai e do avô para todos saberem de qual família pertence, suas relações de parentescos. E no apogeu do debate, o *kusanaty* passa o comando para as duas lideranças para tomar *Awyry* na sua mão, então os dois guerreiros *tuxauas* dão as mãos de amigos e selam a paz, se abraçam depois. Vale a pena salientar que nem todas as vezes, esse encontro acabava em festas, pois os mais velhos contam que em algumas ocasiões terminavam em violentas lutas. Após o aperto de mãos, os dois direcionam-se ao centro do terreiro para dar início à festa.

O cerimonial é somente concluído no terceiro dia pelo amanhecer, bem como todos apreciam o nascer traduzido no *Atukaty* (sol), onde a relação do homem com a natureza estará sempre presente no povo Apurinã.

6.3 Enfermidades, curas e confrontos entre os *Kusanaty*

O começo do ciclo de enfermidades e cura dos *Kusanaty* se dá através das ervas medicinais e das pedras *Arapani*. Elas são recebidas e inseridas em seu corpo, na iniciação, cada folha e pedra possui um domínio distinto, o qual também está relacionada a animais e artrópodes, como *Sãni* (Maribondo) ou *Werepa* (Sapo). De acordo com *Arywka*, os *Kusanaty* das ervas medicinais usam muito o *Swtopaky Kamiry* (o espírito do sapinho) para encantar as pessoas, e fazer o mal para aqueles que têm uma energia pesada que pode ter uma tendência de fazer o mal para terra onde ele mora, com chances de morrer. De acordo com *Arywka* em uma de suas idas para terras indígenas de outros povos a convite de caciques foi muitas vezes desafiado, como ressalta:

Filho uma vez fui para Manaus e lá conheci uma linda mulher e ela estava sendo uma pessoa muito especial para mim no momento, ela estava gostando muito de mim e eu dela, porém tinha outros índios de olho nela e um deles jogou umas dores para cima da minha pessoa, quando foi a noite passei muito mal e quase não consigo ficar bem, pensei: fiz muitas viagens e isso nunca aconteceu comigo, por que isso



Universidade de Brasília

agora? Me perguntei. No dia seguinte, entrei em uma floresta e lá encontrei as ervas necessária para encontrar respostas, passei no corpo e em seguida peguei meu *Katukano* (instrumento usado pelo pajé) e chupei *Awyry*, chegou logo a resposta, que um índio tinha feito um trabalho para me matar e na mesma hora vi quem era e no mesmo instante joguei um *Arapani* nele para ele nunca mais ter relações sexuais com nem uma mulher, eu capei ele. Semanas depois este índio chegou até a mim e pediu para eu desfazer, falei que não podia e que ele era fraco pajé e não merecia ser curado, dei uma lição nele (Depoimento do pajé *Arywka*, em 2012 –*in memoriam*).

Diante da narrativa de *Arywka*, é bom falar que os *kusanaty* são muito perseguidos, principalmente entre os Apurinã, por conta de desafios e pela proteção territorial para ver quem é o mais forte. Nessa relação, outros pajés mandam fortes tempestades, raios, cobras venosas, umas das principais artimanhas dos *Kusanaty* é de levar o espírito das pessoas embora, isso envolvendo todos da aldeia, homens, mulheres e crianças. Essas batalhas violentas não são apenas no mundo visível, mas também no campo espiritual percorrendo outros mundos nas florestas, águas, sol, lua e estrelas.

Nesse campo de batalha cósmico, os pajés podem se transformar em qualquer coisa que desejar, dependendo também de seu grau de conhecimento, isso tudo acontece também sem o *kusanaty* se mover de lugar, somente no seu espiritual, que faz um estrago enorme em seus adversários. Durante suas pajelanças (ritos) sempre estarão sérios, sem rir, centrados e atentos a qualquer movimento. Vale destacar também que eles são muito observadores. Em momentos de cura, eles atuam com o olhar e estabelecendo o movimento com as ervas assim os enfermos são curados, para os *kusanaty* não há limites para fazer seus movimentos, sendo para o bem ou para o mal, esses são os *Kusanaty* Apurinã.

7. PAJÉ ARYWKA: PELAS TRILHAS DO CONHECIMENTO DE UM GRANDE MÏÏTY

Neste momento, irei tratar da potência de criatividade e poder que é o “diplomata do cosmo” da aldeia *Kamapa*, pois não tem como falar de medicina ancestral Apurinã sem falar do pajé Leôncio Miguel de Lima Apurinã, que gostava de ser chamado tradicionalmente de *Arywka* (“movimento rápido”) na língua Apurinã. O pajé foi um dos pioneiros na construção



da Maloca das Medicinas, esse sim pode ser considerado um verdadeiro sabedor e conhecedor das ervas medicinais do povo Apurinã.

No dia 02 setembro de 1924 nasceu *Arywka*, na região do rio Sepatini, localizado no sul do Amazonas, o mais novo dos cinco filhos de *Kamapa Com Tuxaua* Miguel, sendo já criado no território conquistado por sua mãe, onde adquiriu todos os conhecimentos ancestrais próprio do povo Apurinã. Foi direcionado para liderar e curar através das ervas medicinais, ele foi um verdadeiro Pajé das ervas (*MÿÿTY*). Pertencente ao clã *Xywapurinyri*, teve seis filhos, todos criados na base de suas raízes.

O pajé que conferiu seus poderes foi a própria mãe, *Kamapa*, que dentre os seus filhos só conseguiu enxergar as marcas de um verdadeiro pajé no filho mais novo, *Arywka*, este foi guiado pela sua mãe no seu processo de iniciação para se tornar um Pajé, onde recebeu todas as provas possíveis para ver se estava preparado realmente. Era um grande guerreiro de muita coragem e determinação, para poder passar por provas tão difíceis que muitos não aceitariam fazer nos dias de hoje. Um pajé deve seguir várias restrições no seu processo de formação, não pode manter relações sexuais, deve seguir determinadas restrições alimentares, deve enfrentar seus medos e saber interagir com diversos seres para que a partir de aí ter chances de se tornar um pajé.

Hoje muitos não querem mais ser pajé, pois é muito árduo e precisa ter muita coragem para dialogar com qualquer coisa que encontrar no caminho, como espíritos da floresta, animais dentre outros encantados, que um dia já foram humanos-Apurinãs assim como nós. Porém, são esses seres que irão dialogar na floresta com o iniciante a se tornar *kutsanaty*, foram índios que um dia tiveram forma de gente, porém após a morte se encantaram, assim é na cultura Apurinã.

Arywka ficou conhecido por defender seus princípios éticos e culturais, foi também responsável por não permitir que sua terra indígena fosse transformada em colônia indígena como tentaram fazer no passado. É um verdadeiro originário da terra indígena Apurinã do Km 124, aldeia *Kamapa*. Futuramente, *Arywka* conseguiria a demarcação oficial da terra indígena dando continuidade no processo que sua mãe tinha iniciado. Leôncio era o filho caçula dos cinco filhos de *Kamapa* e foi o primeiro filho a se tornar o verdadeiro pajé das medicinas tradicionais da aldeia.



Pajé Arywka (*in memoriam*) na Farmácia Viva ou Maloca das medicinas na Aldeia Kamapa, no ano de 2013

Seu pai, *Tuxaua Txutxamyry*, não pôde ajudá-lo fisicamente neste mundo, durante seu processo, pois foi assassinado por Apurinãs de uma outra terra, por ser um pajé que destruía outras aldeias e matavam outros *Kusanaty* para proteger seu território. Mesmo assim *Arywka* conseguiu finalizar o processo, com certeza foi uma criança Apurinã de muita coragem.

Sua mãe o transformou não apenas em um pajé, mas também em um verdadeiro guerreiro *Pupÿkary* para vencer ou morrer lutando para dar o melhor para seu povo. Sua participação foi tão marcante que o território todo viu sua sabedoria e força de luta. Não demorou muito e foi indicado pelas duas aldeias para ser a liderança geral da Terra Indígena Apurinã do Km 124, aldeia *Kamapa*. Assim, um novo *Tuxaua* surgia naquele momento, ao mesmo tempo era pajé e cacique. Logo se envolveu no movimento indígena tradicional, na época em que só existia o diálogo apenas com as fortes lideranças Apurinã, em um local chamado Palheiral, onde quem poderia comparecer eram apenas pajés e caciques. Ele estava lá, neste espaço sagrado localizado entre as duas aldeias, *Kamapa* e *Manhé*, que existe até os dias de hoje.

Recebia pessoas das duas Terras Indígenas, do km 124 e 45 *Chaparraus*. A terra indígena *Chaparraus* fica a cerca de 15 km de distância da TI do 124, onde se reuniam para



Universidade de Brasília

discutir as melhoras para o povo Apurinã das duas terras, e esses encontros eram feitos através das grandes festas como o *Xigané* (festa do povo Apurinã). Depois de muito tempo foi se espalhando as reuniões que se referiam às melhorias não só apenas para um único povo, mas sim para todos os outros.

Arywka passou a conhecer lideranças de outros povos e de outras regiões, onde a partir daí foram criando as alianças em prol dos direitos indígenas. E em consequência surge a busca pelas demarcações das terras indígenas. Nos anos 1960, na época em que surge os órgãos federais ao apoio indígena, Serviço de Proteção ao Índio (SPI) depois Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Conselho Missionário Indigenista (CIMI) e a ONG Comissão pró-índio (CPI) Acre, ele estava presente como liderança espiritual e política.

Com o surgimento desses órgãos federais e outros, *Arywka* recebe muitas informações sobre seus direitos e conhece grandes antropólogos que fizeram parte em alguns dos episódios de sua vida e que deram sua contribuição para que *Arywka* lutasse ainda mais pelas conquistas dos direitos dos povos indígenas. Nos anos 1970, antropólogos como o *Txay* Macedo da FUNAI do alto Purus, no estado do Acre e o *Txay* Terry da ONG Comissão Pró-índio do estado Acre e assim como o professor Jacó Piccoli da Universidade Federal do Acre, foram figuras que apoiavam a atuação de *Arywka* durante muitas décadas.

Tive oportunidade de conhecê-lo e acompanhar sua trajetória de vida por cerca de 4(quatro) décadas, como liderança indígena e como conselheiro ou pajé voltado a manter os conhecimentos tradicionais numa situação ambigüidade sociocultural e de implementação das relações decorrentes do contato interétnico entre os Apurinã de sua aldeia e regionais na região do sul do Amazonas. Como cacique liderou sua comunidade na luta pela terra na segunda metade da década de 1970, contra a presença de pecuaristas e madeireiros na região, que invadiam e grilavam territórios indígenas, reivindicando da FUNAI a instalação de uma unidade administrativa e a urgente identificação e demarcação de territórios indígenas, como forma de dirimir os conflitos fundiários estabelecidos há longo tempo. Em décadas mais recentes, preocupado com enfraquecimento cultural da sua comunidade, foi pioneiro na retomada pela valorização da cultura Apurinã com a implantação de espaços para realização dos rituais tradicionais e implementação da sua farmácia viva. Nessas “farmácias vivas” obtinha as plantas necessárias à elaboração de seus ‘xaropes’ e chás através dos quais acreditava combater uma série de doenças. Tornou-se assim um pajé de reconhecido valor dentro e fora de sua comunidade (Dr. Jacó Piccoli, depoimento em fevereiro de 2017).

Depois disso, *Arywka* começa suas viagens fora do Amazonas e vai para o estado do Acre, no propósito de fazer parte da construção da organização da União das Nações Indígenas do Sul do Amazonas, Acre e noroeste de Rondônia (UNI), nos anos 1980 e se torna



um dos maiores representantes e líderes indígenas do sul do Amazonas. Essa organização ajudou muito durante a constituinte de 1988 para o avanço na conquista dos direitos dos povos indígenas do Brasil, povos que tanto morreram lutando para que as futuras gerações ficassem em paz e que fossem protagonistas de suas próprias histórias e que pudessem destruir a noção de que nós, povos indígenas deveríamos ser tutelados. No ano de 1987, Pajé *Arywka* fez parte junto com outros caciques da famosa “Aliança com os povos da floresta” ao lado de Chico Mendes.

Em 1991, *Arywka* consegue a tão esperada demarcação da Terra Indígena Apurinã do km 124 da BR 317, localizada no extremo sul do Amazonas. Esse relato acima revela apenas uma rama da história do pajé *Arywka*, que tanto lutou, no universo espiritual e físico ajudando seus parentes de alguma forma. Às vezes, ele costuma nos visitar em forma de algum animal, assim nós Apurinã acreditamos e enxergamos, que foi e vai ser sempre um verdadeiro pajé das ervas medicinais e pai da Maloca das medicinas.

A importância do *Arywka* para a maloca das medicinas é grande porque até mesmo quando se toca neste nome, *Arywka*, nas terras indígenas Apurinã se fortalece a questão das ervas medicinais. Ele foi um verdadeiro pajé das plantas e podemos afirmar isto porque além de ter vindo com as marcas em seu corpo que representa o dom para as medicinas, *Arywka* reuniu o povo e os *Kusanaty* de diferentes terras Apurinã em torno da maloca das medicinas, se tornando um elo na construção de uma aliança voltada para o fortalecimento e valorização do universo das plantas medicinais.

Sua atuação dentro e fora de sua terra o tornou um diplomata. Planejou, coordenou e executou vários projetos, muitos deles voltado a gestão territorial, segurança hídrica e saúde, promovendo um diálogo entre o saber ancestral, tradicional e ocidental. Para a nação Apurinã, um diplomata que seguiu todos os princípios de cuidar e zelar e ao mesmo tempo se fortalecer, através das ervas, para obter grandes conquistas não só para si, mas para todo o coletivo.

Vale a pena ressaltar a importância deste saudoso autor *Arywka* que para muitos foi importante não apenas para a maloca das medicinas, porém entre seus familiares também, vejamos alguns depoimentos:

O *Arywka* como meu tio, ele ensinou muita coisa pra gente, eu como sobrinha dele, ele passou muita coisa que ele sabia para nós, ele era importante pra nós aqui, ele era liderança, era o chefe daqui que corria atrás das coisas pra nós, melhora pra nós,



Universidade de Brasília

trabalhou mesmo, correu atrás, era pajé. Você sabia que uma vez eu estava quais morta e ele rezou pra mim e estou viva, eu me lembro disso, eu estava em Rio Branco já pronta para ir para o tratamento, ele foi lá onde eu estava e rezou pra mim aí já no outro dia eu estava andando pra todo canto (*Makany/Clemilda*, sobrinha de *Arywka*, terra indígena Apurinã do km 124, aldeia *Kamapa*, depoimento de 2017).

Foi um dos pajés que serviu muito para mim, não só para mim, mas para nossas famílias. Foi pajé aqui na nossa aldeia *Kamapa*, que pena que quando ele se encantou fez uma grande falta na nossa aldeia e hoje ainda não tem outra pessoa para repor no lugar dele, no momento, mas eu espero que ainda vamos conseguir e ter um do Apurinã que possa se interessar de ser um pajé no lugar de *Arywka* na aldeia *Kamapa* (*Makana /Nilza*, sobrinha mais velha de *Arywka* e liderança, terra indígena Apurinã do km 124, aldeia *Kamapa*, depoimento de 2017).

Arywka, ele foi um grande guerreiro, grande liderança, foi um grande pajé. Vai fazer quatro anos que tivemos a perda de *Arywka*, e o *Arywka* tinha um sentimento, o *Arywka* junto com outras lideranças indígenas conseguiram a demarcação da nossa terra indígena Apurinã do Km 124, conseguiu várias conquistas aqui dentro da nossa terra, ajudou muito e com a perda dele passamos muito tempo sem rumo, sem opções, porque a perda de um líder é muito importante, é difícil de lidar, mas estamos conseguindo nos erguer, um grande guerreiro e pajé ele foi, não ajudou apenas nossa terra e seu povo, mas sim outros povos, outras comunidades indígenas, foi uma forte liderança (*Yawyryery/Riberaldo*, liderança geral da terra indígena Apurinã do KM 124, filho mais velho de *Arywka*, Depoimento de 2017).

Homem que viu uma terra indígena ser construída, que teve sua vida sempre direcionada por seus guias espirituais voltado para as plantas e para a liderança de sua terra. *Arywka* foi o segundo pajé das medicinas, depois de sua mãe *Kamapa*, que foi responsável pelo seu crescimento e desenvolvimento intelectual e espiritual. Coordenou vários cursos para formação de sabedores das ervas medicinais e curou diversas pessoas indígenas e não indígenas, até mesmo os próprios inimigos da época.

Arywka foi o primeiro indígena Apurinã a apresentar as ervas medicinais de seu povo em Manaus, capital do estado do Amazonas, em Brasília, capital do Brasil e no estado da Bahia, ao lado de outros pajés das medicinas tradicionais. Através de sua atuação nas políticas indigenistas e como pajé, evidenciou uma das principais características do povo Apurinã da aldeia *Kamapa*, que é a medicina ancestral e tradicional, é tanto que também somos chamados e reconhecidos mundo afora como o povo do *Awyry*, rapé verde (medicina Apurinã).

O *Awyry* é a principal medicina do povo *Pupÿkare* (Apurinã), o que nos representa. Bastante usada nos tempos das malocas e principalmente durante o período colonial para se defender dos inimigos, porém apenas pelos conhecedores das ervas ou pelos *Kusanaty* (Pajé).



Vale destacar que para se obter os conhecimentos sobre essa medicina era e ainda é muito árduo, obviamente quem tem este saber ontológico é somente os fortes pajés, assim como o pajé *Arywka* da aldeia *Kamapa*. No mais, existem muitas importâncias sobre este grande diplomata do cosmo, ele não morreu, mas vive em espírito dentro da cosmovisão Apurinã. Como narrou *Makana* em seu depoimento de 2017:

“É que pajé é tipo assim, no falar dos brancos morreu. Pajé para nós não morre, ele se encanta, sai daqui e vai para outro lugar, onde é o lugar dele”.

Em 14 de janeiro de 2014, A terra indígena Apurinã do km 124, aldeia *Kamapa* recebe a notícia que *Arywka* havia falecido,

8. MALOCA DAS MEDICINAS

A maloca das medicinas é um local sagrado onde temos um contato maior com as divindades do povo Apurinã. Para muitos é um ambiente para curar enfermos, para outros fortalecer seus espíritos, mas para mim vejo como uma escola, com a nossa epistemologia Apurinã. Porém, não é muito diferente de uma escola, pois também temos nossas disciplinas, só que estruturadas de um modo diferente, onde o físico e o espírito caminham ciclicamente. Não podemos falar da maloca das medicinas sem antes falar sobre um dos pais “dela”, o saudoso pajé *Arywka*, responsável pela construção deste centro sagrado, que foi e continua sendo um verdadeiro pajé das medicinas tradicionais Apurinã.

Arywka disse durante o curso de **conhecedores das ervas medicinais** na aldeia *Kamapa*, curso no qual ele construiu e coordenou dentro da Maloca das medicinas:

Vocês estão vendo esta trilha? Para alguns a olho nu é um simples caminho no meio do mato, pois não se enganem pois aqui está a travessia para as relações do índio com as ervas medicinais, daqui uns tempos vocês iram conseguir ouvir e enxergar as ervas medicinais chamando por vocês para alimentá-las, quando chegarem a esta fase estarão com todos os acessos e códigos para desfrutar de uma forma sábia seus conhecimentos tanto para fazer o bem ou o mal [...] as plantas que estão aqui não foi nós que plantamos foi *Tsurá* que deixou para nós curar nossos parentes, então ele caminhou por este caminho e deixou as plantas e os conhecimentos sobre elas (*Arywka*, depoimento em 2008).



Universidade de Brasília

Lembro de uma vez em 2013, durante a realização de um projeto de troca de saberes, entre nosso povo e o povo *Huni Kuin* (*Kaxinawá*) na terra indígena Apurinã do km 124, terra em que pertencia *Arywka*, que aconteceram diversas coisas, mas teve algo que vi e nunca esqueci, quando o pajé *Arywka* estava apresentando sua maloca das medicinas para o povo *Huni Kuin*, dizendo:

“Toda vez em que entro dentro da maloca das medicinas faço a reza, eu canto eu assopro, eu as protejo, e quando faço isso eu estou amamentando as plantas, e ao mesmo tempo ouço elas me chamando de meu pai”.

Muito importante esses depoimentos de *Arywka*, pois aqui enxergamos que o conhecimento não está apenas no mundo físico, na escrita, nas invenções, porém na espiritualidade também, por este motivo muito dos cientistas não conseguiram encontrar respostas sobre os conhecimentos tradicionais, pois é preciso muita das vezes ter um vazio na alma e uma mente aberta para poder obter uma certa sensibilidade sobre o assunto que se deseja alcançar. *Arywka* mostra a importância do pajé e a relação dele com a natureza, evidenciando que para um índio é crucial viver em comunhão com ela. Não podemos apenas tirar, mas também a fortalecer, pois estamos falando da espiritualidade que cerca este universo, apesar de muitos não compreender e nem ter ideia dessa subjetividade, mas afirmo que no meio dessa força existe vida e luz.



Na maloca das medicinas coletando algumas amostras (Alan Apurinã, fevereiro de 2016)

É bom salientar que existe uma preocupação enorme para os Apurinã e para outras nações indígenas, e povos tradicionais. É necessário registrar e falar sobre os impactos que estão chegando diante da **Lei 13.123/2015**, conhecida como lei do acesso ao patrimônio genético ou da biodiversidade. Trata-se do acesso ao **patrimônio genético** e aos conhecimentos tradicionais associados, substituindo a medida provisória 2.186/2001 e advirá a satisfazer o acesso ao patrimônio genético da biodiversidade do país e aos conhecimentos tradicionais nele associado, envolvendo a repartição de benefícios.

Facilitando e permitindo que composições biológicas e químicas sejam espelhadas na invenção de numerosos produtos e tecnologias. Incluindo todas as espécies vivente da fauna, flora e ao micro-organismo, e claro com as informações de origens, já incluindo o acesso ao conhecimento de povos indígenas, tradicionais e de produtores agrícolas. Não quero me aprofundar muito, mas a lei diz ser que é desenvolvimento sustentável, para quebrar diversos desafios no campo da medicina, economia e ter seu próprio modelo de economia na bioindústria, diz ser um progresso inovador para o país brasileiro.



Universidade de Brasília

Não posso passar por esta temática e não mostrar minha ótica sobre a Lei nº 13.123/2015, já que o povo originário do Brasil, os povos indígenas e os de comunidades tradicionais, os verdadeiros detentores do conhecimento sobre a biodiversidade brasileira não foram consultados, muito menos respeitados, para propor suas óticas perante esta lei. Como índio Apurinã do Brasil, repito o que falei anteriormente, o desenvolvimento sustentável é uma criação capitalista para repor o que destroem, com o sistema utilizado pelo capital, tudo visa a economia, o dinheiro, muitas das vezes, não generalizo todos que vive nesta fonte. Uma das coisas que me chama atenção é na falta de respeito, honestidade e valorização com os grandes pajés, conhecedores das ervas medicinais e de diversos outros conhecimentos da biodiversidade, os verdadeiros mestres e diplomatas. Na lógica de repartição de benefício para estes, terão apenas 5% da receita líquida, quando for tratado de conhecimentos tradicionais. Vale apenas mostrar o ponto de vista da Articulação dos povos indígenas do Brasil (APIB):

Lamentamos e repudiamos mais uma vez a decisão deliberada do Poder Executivo de nos excluir do processo de elaboração do Projeto de Lei, sob a conhecida pressão de setores econômicos envolvidos, apesar de tratar de questões do nosso interesse, por demais delicadas para os nossos povos, em violação à Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da Convenção da Biodiversidade (CDB) e da Constituição Federal. Estamos cientes de que, neste momento, em que o projeto tramita no Congresso Nacional, com aprovação na Câmara, é inócua a tentativa de aproximação dos povos indígenas. (APIB, fevereiro de 2015)

Faço questão de salientar alguns depoimentos que abordam importantes elementos da relação do povo Apurinã com a floresta, principalmente quando falamos da medicina ancestral.

Floresta é a nossa casa, nosso dia a dia, floresta nos traz coisas boas [...] a floresta é nossa casa, é nossas raízes, é nossos remédios, as vezes quando fazemos nossas reuniões ficamos pensando como a gente vai viver sem a floresta, temos que preservar a floresta, é nossa vida. Se nós não tivermos a floresta é impossível viver em harmonia com a natureza, para nós, Apurinãs, a floresta está em primeiro lugar, pois é onde está nossa sobrevivência, nossos costumes, rezas, caça, pesca e nossas medicinas. (Yawryryery, depoimento de 2017).

“Uma floresta para mim é um ar fresco pra plantações, para várias coisas que devemos fazer, como caçar, e fazer várias plantações como macaxeira, banana e etc.”
(Yrary, depoimento de 2017).



Universidade de Brasília

Uma floresta para nós que mora aqui é coisa que nós aprende aqui, né, nossa cultura na floresta. Nós faz o que? Vassoura, peneira, algumas coisas daqui da mata, né. Muitas coisas aqui têm pra gente a gente passar pra esses novo, nossos netos, filhos, que não sabem, então nossos pais passou pra nós e aí a gente passa pra nossos filhos, pros netos, ensinando como é que é o remédio na mata, como é que é, serve pra que? Cipó faz panheiro, vassoura, balaio, tudo comida da mata, eu ensino meus netos, minhas filhas, tudo que nós come aqui, entendeu aí? Nossa cultura aqui na floresta é assim (Makany, depoimento de 2017).

“Uma floresta para nós é tipo uma farmácia dos brancos, mas para nós que somos parentes índio é a floresta mesmo, pega medicina toma ou passa no corpo é já vai embora o que estava sentindo, para nós Kangyto (parente) Apurinã é assim”. (Makana, depoimento de 2017).

De acordo com os depoimentos enxergo que a maloca das medicinas é universo não apenas de cura, mas também um ambiente para o fortalecimento cultural e espiritual, no mais vale a pena mergulhar na origem da maloca das medicinas que acho crucial para entender melhor este mundo sagrado.

8.1 Mergulhando na Maloca das Medicinas

A Maloca das medicinas que também é conhecida como farmácia viva, foi mostrada e idealizada por *Tsurá* (o grande guia espiritual dos Apurinãs). Tudo começa através de um sonho tido pelo saudoso pajé *Arywka* e que depois passou a ser um projeto elaborado pelo mesmo, depois de uma longa caminhada pela TI Apurinã do Km 124.

Arywka chega em seu *Ayku* (Maloca) na aldeia *Kamapa* e resolve tomar um banho em seu igarapé para poder descansar e seguir a luta no dia seguinte, mas antes de dormir resolve agradecer a *Tsurá* pelo dia de muita saúde, força e conhecimento, daí resolve pegar seu *Mekaru* (Recipiente de Rapé) e seu *Katukano* (Instrumento sagrado de aspirar medicina) e o



Awyry (Medicina mais sagrada de um pajé Apurinã) e passa a medicina e também resolve fazer um canto chamado de *Swatopak Kamyry* (Pelo espírito do sapo protetor).

Depois de um sono profundo *Tsurá* vem em sonho e fala para o pajé *Arywka* sobre aquele espaço sagrado de muita floresta contendo uma diversidade inumerável de ervas medicinais, raízes, cascas, flores, óleo e animais. A mensagem dizia que aquele espaço não poderia servir apenas para a coleta de fruta, caça e pesca, mas sim que se tratava de um universo sagrado contendo grandes conhecedores da medicina ancestral dos *Pupÿkary*, que ninguém conseguia enxergar até o momento, com os pajés tendo em mãos saberes ontológicos e seus contatos com os seres divinos. A partir daquele momento aquela floresta não seria mais como antes, mas sim a maloca das medicinas, um presente de *Tsurá* para nós Apurinã da terra indígena Apurinã do km 124. Nesse espaço, um tempo cosmológico se configura, o tempo dos seres espirituais, das plantas, das ramas, do ar, da água, em conjunção, esse tempo-espaço especial encapsula o saber, o conhecimento prático, as histórias, o poder de criar e viver.

No dia seguinte *Arywka* resolve se reunir com três grandes conhecedores das ervas medicinais, formando uma aliança entre dois irmãos e dois primos, Cassimiro Trovão, Raimunda *Kayãbety*, Mario *Txutxamyry* (Liderança maior) e ele *Arywka*, este penúltimo tinha o dom da invisibilidade. Para discutir sobre a visibilidade e fortalecimento da Maloca das medicinas, os quatro pajés, sempre obedientes às informações de *Tsurá*, resolvem começar o trabalho e já escolher onde seria a porta de entrada da Maloca das medicinas, e foi decidido entre os quatro e junto com as duas aldeias que fosse de frente à casa de *Arywka* esse portal.

Saliento que em 2013 o pajé *Arywka* conseguiu aprovar um projeto para a maloca das medicinas, com um objetivo central de valorização e o fortalecimento das ervas medicinais na aldeia *Kamapa* na TI Apurinã do Km 124. Para o pajé *Arywka*, a maloca das medicinas também era considerada como um centro sagrado tanto para a cura dos enfermos como um lugar de formação dos grandes conhecedores das ervas Apurinã desta TI. Seguindo os passos de *Arywka* podemos perceber a importância da maloca para a cura de enfermidades como aparece em alguns depoimentos: “A maloca, a medicina da mata, é nossa farmácia, nosso remédio caseiro da mata, que tem remédio para tudo, para a malária, gripe, pois é, tem remédio para tudo aqui na mata, no qual a maloca medicinal nossa farmácia é assim” (*Makany*, depoimento de 2017).



Universidade de Brasília

Eu uso e aprovo, serve para qualquer tipo de doença, porque mesmo que a gente usa o remédio de farmácia não é tanto como a da medicina da floresta, da nossa aldeia *Kamapa* que nós usa, então, se aí por isso não devemos abandonar nossa maloca, não devemos deixar acabar, pois tão querendo mudar a medicina pelo que nós podemos entender, usar nós tamo usando e tá servindo pra nós aqui, para o parente aqui na comunidade, então, se é por isso que não devemos abandonar nossa maloca aqui. (*Makana*, depoimento de 2017).

“Farmácia viva para mim é uma maloca que o pajé faz as medicinas deles para curar seus parentes que somos nós indígenas, né, Apurinã”. (*Yrary*, depoimento de 2017).

O *Arywka*, meu pai que era nosso pajé, nos ensinou que a farmácia viva são as medicinas naturais, os remédios naturais, onde nós buscamos quando tem um parente enfermo, como criança doente ou adulto. Floresta viva já diz tudo, a gente não pode ficar sem nossa farmácia viva. *Arywka* quando estava vivo fez uma farmácia viva, uma herança que ele nos deixou [...] nós sentimos uma dor, sentimos qualquer coisa, corremos para nossa farmácia viva, nosso viveiro, este recurso, esta alternativa, pois lá buscamos as grandes medicinas que estão lá plantadas, que estamos zelando, a farmácia já tinha antes e vamos continuar preservando. (*Yawyryery*, depoimento de 2017).

O espaço sagrado das ervas medicinais em sua construção teve a contribuição das duas aldeias tanto da parte *Kamapa* como *Manhé*, e convidou os líderes de cada casa a ter o papel de ajudar a identificar algumas ervas naquele universo cheio de plantas medicinais, assim colocando as duas aldeias em plena união, o que na época era um caso complicado, devido a intrigas entre si. *Arywka* viu que por meio do fortalecimento das ervas medicinais também poderia haver um laço de forte unificação entre as duas aldeias novamente.

Nesse intuito, foi criada uma grande maloca das medicinas que seria usada pelos Apurinãs que estavam passando pelo processo de formação nos conhecimentos ancestrais das ervas. Cada um indicado à formação deveria passar no mínimo sete meses dentro da maloca, para ter um melhor contato com as plantas, um contato de face a face, recebendo direcionamento pelos seus guias espirituais e em sonhos também era mostrado como se deveria se aproximar das ervas, quais seriam os cantos adequados, qual seria a melhor luar para cada erva, o melhor rio ou igarapé e um dos mais importantes é de manter a língua *Maipuri Saquiry Aruak* (Língua materna) e outros alicerces.

Um dos primeiros conhecedores das ervas medicinais da maloca das medicinas foram os dois filhos mais velhos de *Arywka*: Riberaldo *Yawyryery* (invisível) e Ribamar, os quais se dedicaram as ervas tradicionais do povo Apurinã. Os dois filhos de *Arywka* conseguiram passar pelo processo completo de inserção nesses saberes e práticas e ao final do processo,



cada um teve uma particularidade. O primeiro, *Yawyryery*, recebeu o dom de contar histórias ancestrais e enxergar os caminhos das plantas, porque as plantas se mudam, se movimentam na floresta, ele afirma, e esse movimento não é possível ver a olho nu, mas devemos ter a reza, desencadeando este olhar.

Por sua vez, Ribamar recebeu o dom de pajelança para fazer tanto a proteção quanto a defesa dos Apurinã, também, se inseriu no conhecimento sobre as ervas medicinais e sobre os animais, como o sapo. Em sua narrativa ele afirma em depoimento de 2017:

Para ser um forte conhecedor das ervas medicinais não tem que ter medo, mas sim coragem, pois aparecem muitos encantados em forma de pássaros, onças, cobras enormes e árvores, que conversam com você e você tem que responder sem medo, pois eles também são parentes nossos, e quando a gente fica com medo a gente perde o conhecimento que eles trazem.

Esses foram apenas dois dos que passaram pelo processo completo, mas há muitos outros também com outros saberes ontológicos que adquiriram dentro da maloca das medicinas, juntamente com outros guias espirituais. A maioria das pessoas que fez parte do processo foi de jovens muitos centrados no que queriam, coordenados pelos quatro pajés, mas o pajé que mais atuava nesses processos de iniciação era o *Arywka*. Todos os sábados e domingos, eles se reuniam junto a outros pajés para discutir como estava o andamento dos futuros conhecedores das ervas.

Arywka ficava feliz de saber dos resultados, se já estavam curando ou coisa desse tipo, todos afirmavam que sim. Ele pedia para fazer um teste, ele apontava a planta e perguntava como fazer para se aproximar daquela planta e a maioria respondia é desta maneira e ele ficava feliz porque era a resposta certa.

Arywka identificava três dimensões dentro da Maloca das medicinas: Ambiental, espiritual e Racional. Essas dimensões caminham juntas na pessoa Apurinã, e são fortalecidas a partir da vivência neste espaço sagrado idealizado, por Tsurá (Criador do mundo). A dimensão Ambiental se refere a relação do Apurinã com os seres vivos dentro da maloca, fauna, flora, rios, terra e outros. Segunda dimensão mergulha no espírito, no universo do divino, permitindo acesso a cada sujeito, seja planta ou animal. Terceira dimensão e última dimensão se refere ao racional, ou seja, a proteção desta consciência que existe estas demais dimensões. Enxergo essa ótica como uma teoria nativa, idealizada pelo Pajé *Arywka* Apurinã.



Bom salientar que para os Apurinã deste território, não existe objeto dentro de uma floresta, mas sujeitos. Sujeitos que devemos respeitar, a formação de uma racionalidade que se relaciona com sensações, sentidos e sentimentos no processo de conhecer e agir. Foto das dimensões. O saudoso *Kusanaty Arywka* falava que antes de entrar na maloca das medicinas ele sempre fazia a reza dele, para proteger o corpo e o seu espírito, para que o *Arapany* (espírito de proteção dele) não se perdesse, pois na maloca estão espíritos tanto do bem como do mal, claro que a farmácia é um lugar de cura onde muitas pessoas enfermas eram e são curadas, no entanto, precisamos sempre estar de corpo fechado e preparados espiritualmente para saber que aquilo que estamos fazendo não é brincadeira, ele argumentava.

Arywka se alimentava da maloca das medicinas. Afirmou que quando ele entrava na farmácia ele ouvia as plantas chamando por ele, de “meu pai”. Com a reza e com os cantos, ele as amamentava todos os dias de sua vida, assim ele atuou na maloca das medicinas até seus últimos dias de vida em sua fase como um humano. Hoje, certamente se encantou e se tornou um parente na forma de um animal que pode ser uma onça ou uma cobra sucuruju ou em outro animal, onde ele vai ser sempre pajé e um protetor da farmácia viva para sempre, onde o espírito de um Apurinã mora e brilha dentro dela. Bom salientar que na maloca das medicinas possui muitos conhecedores das ervas medicinais e claro lá encontraremos os diplomatas do cosmo (Os pajés que detém poderes sobrenaturais).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSÍVEIS FATORES DE ENFRAQUECIMENTO DA MALOCA DAS MEDICINAS E ESTRATÉGIAS DE FORTALECIMENTO

O universo da medicina Apurinã e consequentemente da maloca das medicinas foi e é produzido cotidianamente por meio da nossa cultura ancestral, porém também foi e é modificado historicamente por diversos fatores. Alguns desses fatores foram evidenciados nas narrativas dos Apurinã da aldeia *Kamapa* durante o decorrer da pesquisa, sendo de fundamental importância para reconhecer os impactos multidimensionais que o povo sofreu



ao longo dos tempos. Abaixo, trago alguns desses fatores, a fim de possibilitar reflexão e ações coletivas futuras junto com meu povo:

- Relação do homem branco com os indígenas;
- Epidemias de doenças infectocontagiosas trazida de fora dos territórios indígenas e com elas remédios alopáticos (dos não-indígenas);
- Abertura da BR 317 no meio do território indígena do Km 124;
- Avanço do desmatamento e da retirada ilegal de madeira nas fronteiras do TI;
- Chegada de novos moradores nas fronteiras do TI;
- Falecimento do Pajé *Arywka*;
- Ausência de um Apurinã que exercesse um papel semelhante ao que o Pajé *Arywka* exercia junto à medicina Apurinã e à Maloca das medicinas;
- Diminuição do número de sabedores das ervas medicinais na aldeia *Kamapa*.

Uns Branco tiveram assim, muita doença que trouxeram de fora cidade então se pra aldeia, aqui um bocado de parente morreram de tanta doença que os branco trouxe para a reserva e contaminou. A maioria não morreu por que socorremos com nossa medicina medicinal que nós temos na nossa aldeia *Kamapa*. Então disseram que tinha remédio da farmácia deles que cura todo tipo de doença, chegamos a tomar, mas não era todos que curava as doenças, não cura tanto como as nossas medicinas da Maloca, da nossa farmácia e da farmácia deles não servia, não curava. Quando alguns índios viram que os remédios de farmácia da cidade não serviam deram valor mais as nossas medicinas, porque nossas medicinais cura mais do que de farmácia, só gasta dinheiro e não serve, para parente curar só nossa medicina mesmo (*Makana*, depoimento de 2017)

O conhecimento das medicinas está diminuído sim, porque não temos pajé forte como *Arywka* e porque a BR 317 passou na nossa aldeia e estão querendo passar asfalto, se passa cresce mais impacto na nossa aldeia, para nós parente, as caça tão mais longe hoje, zoada de carro, ônibus afasta os bichos (*Makana*, depoimento de 2017).

“Tem poucos jovens que ainda estão se interessando em aprender as medicinas e falar a nossa língua” (Irary, depoimento de 2017).

Aconteceu mudanças, porque chegou vários *Karywás* que nós chama, que é o branco, aí quando chegou casou com as nossas índias aí foi nascendo vários misturado, aí esses misturados não quis mais saber sobre isso (a nossa medicina) e enfraqueceu, e por isso que tá fraco agora (*Irary*, depoimento de 2017).



Os diálogos que foram gerados com os Apurinã da aldeia *Kamapa* apontaram não apenas pontos de enfraquecimento da maloca das medicinas, mas também narraram, em seu ponto de vista, meios de fortalecimento desse espaço sagrado, envolvendo todos da aldeia e a participação individual de cada um. Ficou claro nas falas que *Arywka* foi e continua sendo um verdadeiro pajé das ervas deste território, por esse motivo, vejo a biografia de *Arywka* como uma das portas para o fortalecimento da maloca das medicinas, principalmente por ter me solicitado, ainda em vida, para continuar com o trabalho da maloca das medicinas junto com os parentes da aldeia e nunca a deixar morrer.

A seguir trago algumas medidas de fortalecimento da maloca das medicinas evidenciadas pelos Apurinã da aldeia *Kamapa* nesta pesquisa:

- Evidenciar e valorizar o legado do Pajé *Arywka* para a Maloca das medicinas e para a organização social do povo Apurinã;
- Organização e articulação interna na aldeia *Kamapa* (reunião entre anciãos e jovens);
- Identificação de jovens Apurinã interessados na medicina ancestral;
- Formação de novos conhecedores das ervas medicinais;
- Estimular a continuidade do desenvolvimento de novas medicinas dentro da maloca;

O que nós podemos fazer para aumentar o uso das plantas para os parentes é nós fazer uma reunião e conversar com os mais velhos e convidar as pessoas jovem, aqueles que se interesse para nós passar para eles, explicar como é que é, como usa. Para aumentar tem como aumentar, mas agora que nós somos veterano, se ninguém passar para o novo (jovem) nem tem como (*Makana*, depoimento de 2017).

Arywka pediu muito que ninguém abandonasse a maloca, por agora estar acabando, né (enfraquecendo), mas que nós continuasse isso a frente. Entonse tem gente na frente, o Alan, como jovem na vista do gente adulto, porque nós sono velho e por ele tá interessano, buscano de lá de longe pra comunidade um projeto, alguma coisa, um ajuda pra nós levar a frente a nossa maloca, a nossa cultura, né? pra não se acabar, porque é pra nós aqui na aldeia muito importante a medicina aqui na floresta (*Makana*, depoimento de 2017).

A minha relação com o pajé *Arywka* sempre foi muito forte, lembro de quando criança *Arywka* falou:

“Você vai ser o próximo Tuxaua (Líder Geral) deste território, por que enxergo dentro de você o desejo de ajudar seu povo nos pequenos detalhes, São poucos que



Universidade de Brasília

eu sinto de verdade aqui dentro, que tem este desejo, que brilha em você, tento não ter certeza que meus filhos não tenham esse desejo, mais sim você será o próximo depois mim, você vai sentir quando chegar o momento, pois iram apontar você sem você se colocar” (Arywka, Xigané de 2000, Terra Indígena Apurinã do Km 124, Aldeia Kamapa).

Logo quando vim ao mundo ainda bebezinho, contei muito com a presença de dois guerreiros muito poderosos dentro deste território, meu avô Oswaldo Miguel Apurinã e Meu tio Arywka seu irmão caçula, fiquei muito triste porque meu avô faleceu muito cedo, mas tenho certeza que meu avô pediu para que Arywka ensinasse sobre as medicinas Apurinãs a seus netos e sobrinhos, pois era o que Arywka tinha de mais prazer a ensinar, queria ver ele feliz era unir as crianças e adultos para ele ensinar sobre os remédios da mata, as medicinas Apurinã, isso eu lembro como um filme passando nos meus olhos quando ainda criança.

Lembro nas épocas de festejar as passagens de espíritos dos que morreram naquele ano, todos alegres e felizes, apanhando peixe o suficiente para a festa, as mulheres fazendo muito vinho de Açaí, Buriti, Milho, Patoá, Pupunha, onde o território se dividia em grupos para cada atividade, para que a festa fosse uma das mais belas, para um dos momentos mais sagrados de um Apurinã, onde todos tinham a certeza que iriam passar por aquele ritual um dia, chamado de *Xigané* como já foi discutido anteriormente. Foram épocas em que o responsável pela coordenação do ritual era o Pajé Arywka, dizendo a importância de cada vinho, comida, dança, pintura, como deveríamos agir no momento do ritual, um verdadeiro tuxaua, *Arywka* foi.

Meu primeiro contato com *Arywka* na maloca das medicinas foi quando eu era crianças, quando entrei pela primeira vez na maloca das plantas medicinais, senti uma diversidade de coisas que para mim foi muito forte, mas antes de entrar na maloca o pajé ou a pessoa mesma tem que fazer uma reza antes de entrar, pois você não vai entrar apenas numa floresta, você entra em uma outra dimensão, um local que está ligado fortemente com as divindade daquele espaço sagrado, juntamente com todas as místicas da floresta.

Esses períodos de contato com a maloca junto com *Arywka* foi muito forte, onde tudo tem vida para tudo existe um segredo de como se aproximar, até mesmo do chão em que se pisa naquele local, a energia da maloca é muito forte e para estar dentro dela é preciso muito respeito e reverência para todas as coisas que se encontra lá. Uma coisa que achei muito interessante é que o local te envolve tanto que você passa a ter uma sensibilidade de ouvir



muitas coisas, é como se existisse uma comunidade, mas na lógica Apurinã é uma comunidade, mais de plantas.

Não sei descrever, mais acho que não tem como traduzir para o contexto ocidental, a dimensão do que é uma maloca das medicinas. A noite é como se aquele universo estivesse mais vivo do que nunca, pois você sente a energia em você, é como se eu estivesse se misturando com tudo que envolvesse naquele espaço-tempo, não apenas fisicamente, muito mais no campo espiritual, a noite quando dormimos na maloca das medicinas você passa a receber muitas mensagens através dos sonhos, passa a sonhar com plantas, ouvi vozes, recebe orientações, o mais lindo disso tudo é que passamos a receber orientações de como se aproximar daquele universo.

Fico pensando, eu que não só pajé sinto essa energia tão forte quando estou dentro da maloca, imagine os verdadeiros diplomatas do cosmo, o pajé, que envolve este local sagrado, daí imagino a quantidade de conhecimento que existe em um pajé, e o tipo de visão que leva com ele, é surpreendente. Uma coisa não posso deixar de registrar novamente, se porventura um pajé se desviar de seus caminhos, o equilíbrio daquele território que ele zelava, nunca mais será o mesmo novamente, e estará sem a sombra de dúvida vulnerável, dentro das narrativas Apurinã.

E uma das formas de sustentar este ciclo de vida é fazer o que *Arywka* costumava falar, temos que amamentar quem nos alimenta, as plantas medicinais. A maloca das medicinas é importante para os Apurinãs, porque muito da cultura está ligado a este âmbito, é como se fosse uma fonte que bebemos para trazer de volta a sensibilidade de um Apurinã. Quando falo em sensibilidade quero falar no campo de entender o que as plantas e os encantados da floresta tem para lhe direcionar a sua proteção e aos demais Apurinã, a maloca é uma verdadeira escola de vida Apurinã, sem a maloca das medicinas é difícil viver, pois ela vai dá cura a outras dimensões.



REFERÊNCIAS

1. CÂNDIDO, F, M. **O Mundo Xamânico Dos Apurinã**: Um Desafio de Interpretações. *Série Antropologia*. Vol. 458, Brasília: DAN/UnB, 2017. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/dan-producaoocientifica/serieantropologia>. Acesso em: Dia 10 de Março de 2017.
2. _____. **Nos caminhos da BR-364**: O povo Huni Kuin e a Terra Indígena Colônia 27.1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015. 195p.
3. DEPOIMENTOS: Leôncio Miguel Apurinã (Ariwka – in memoriam) e Francisco de Moura Cândido (Ywmonyry), 2016.
4. DEPOIMENTOS: Leôncio Miguel Apurinã (Ariwka – in memoriam) e Francisco de Moura Cândido (Ywmonyry), aldeia Kamapa, 2013
5. DEPOIMENTOS: Leôncio Miguel Apurinã (Ariwka – in memoriam) e Alan Miguel Alves (Ewryky), aldeia Kamapa, 2000.
6. LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
7. FERREIRA, L. O. **A Emergência da Medicina Tradicional Indígena no Campo das Políticas Pública**. *Revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. V.20, n.1, JAN.- MAR. 2013, p.203-219. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702013000100011. Acessado em: Dia 20 de Junho de 2017.
8. BARRETO, J. Bahserikowi – Centro de Medicina Indígena da Amazônia> concepções e práticas de saúde. *Revista de Antropologia, UFPA*, 2018, pp. 594-612.
9. GUIMARÃES, S. Os especialistas do sistema médico Sanumá-Yanomami:o xamanismo como guerra, arte e cura. **Tempus: Actas de Saúde Coletiva**, v. 5, p. 57-72, 2011.
10. BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. 2ª ed. Brasília, 2002.
11. ELISABETSKY, E. “**Traditional Medicines and the New Paradigm of Psychotropic Drug Ation**”, in *Ethnomedicine and DrugDevelopment, Advances in Phytomedicine*, vol. 1, 2002ApudCUNHA, M. Carneiro. *Relações e Dissensões Entre*



Universidade de Brasília

- Saberes Tradicionais e Saber Científico. REVISTA USP, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>. Acesso em: Dia 04 de Junho de 2017.
12. VASSIA, V. “Nossa terra – Uma viagem às Origens da Vida”, publicação da biblioteca da floresta, Acre, Pág. 53, maio de 2010.
 13. CUNHA, M. Carneiro. **Relações e Dissensões Entre Saberes Tradicionais e Saber Científico**. *Revista USP*. São Paulo, n.75, p. 76-84. SET/NOV. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>. Acesso em: Dia 04 de Junho de 2017.
 14. DEPOIMENTOS: Mario Miguel Apurinã (Txutxamyry – *in memoriam*), fevereiro de 2015.
 15. DEPOIMENTOS: Cleonice Miguel Apurinã (Kuranakaya), agosto de 2016.
 16. DEPOIMENTOS: Osai Sales Huni Kuin (Siã), abril de 2018.
 17. DEPOIMENTOS: Riberardo Miguel Apurinã (Yawyryery), 2017.
 18. DEPOIMENTOS: Clemilda Miguel Apurinã (Makany), 2017.
 19. DEPOIMENTOS: Ítalo Miguel Apurinã (Yrary), 2017.
 20. DEPOIMENTOS: Nilza Miguel Apurinã (Makana), 2017.
 21. DEPOIMENTOS: Francisco Gonçalves Apurinã (Humanary), abril de 2015.